UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE- CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO

VANESSA COSTA CAVALCANTI

OS REGISTROS DE MARGEM DA ENFERMEIRA ETHEL PARSONS (1922-1923)

RIO DE JANEIRO
2019

VANESSA COSTA CAVALCANTI

OS REGISTROS DE MARGEM DA ENFERMEIRA ETHEL PARSONS (1922-1923)

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim.

Rio de Janeiro

2019

Cavalcanti, Vanessa Costa
C Registros de Margem da Enfermeira Ethel Parsons (1922-1923) / Vanessa Costa Cavalcanti. -- Rio de Janeiro, 2019.
88

Orientador: Wellington Mendonça de Amorim.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2019.

1. Enfermagem. 2. História . 3. Saúde Pública. I. Amorim, Wellington Mendonça de, orient. II. Título.

Os Registros de Margem da Enfermeira Ethel Parsons (1922-1923)

Por: Vanessa Costa Cavalcanti

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim Presidente

_____

Prof. Dr. Luiz Henrique Chad Pellon 1º Titular

_____

Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior 1º Suplente

_____

Profª. Dra. Érika Bicalho de Almeida 2º Titular

_____

Profª. Dra. Julieta Brites Figueiredo 2º Suplente

RESUMO

Trata-se de um estudo histórico cultural, que tem como objeto os registros discriminatórios da enfermeira norte-americana Ethel Parsons nas margens dos instrumentos de avaliação e seleção das enfermeiras visitadoras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), no período de 1922 a 1923. O estudo foi realizado por meio de Roger Chartier como referencial teórico e embasado nos pressupostos da Nova História Cultural. Os objetivos traçados foram Descrever os traços socioculturais presentes no: "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" e "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". Analisar as anotações de Ethel Parsons sobre as candidatas ao curso de enfermeiras visitadoras relacionando com os relatórios oficiais enviados à Fundação Rockefeller. Discutir as implicações da estratégia Parsons para as candidatas ao curso de Enfermeiras Visitadoras do Departamento Nacional de Saúde Pública. O corpus de documentos-objetos foi constituído pelos "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas"/"Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis" e Relatórios do Serviço de Enfermeira e Educação em Enfermagem do DNSP que Ethel Parsons enviou à Fundação Rockefeller. Adota-se como referencial teórico o historiador Roger Chartier, fundamentado na Nova História Cultural, que a define como o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Ethel Parsons utilizava de critérios para selecionar suas alunas, tanto para o curso de enfermeiras visitadoras, quanto para selecionar as futuras enfermeiras de saúde pública. Nesse momento, Parsons escrevia às margens dos instrumentos registros sobre as candidatas que confirmam sua devoção ao selecionar suas alunas.

Palavras-chave: Enfermagem. História. Saúde Pública.

ABSTRACT

This is a historical cultural study, whose object is the records of the American nurse Ethel Parsons on the margins of the instruments of evaluation and selection of the visiting nurses of the National Department of Public Health (DNSP) from 1922 to 1923. This study was carried out with Roger Chartier as a theoretical reference and based on the assumptions of the New Cultural History. The objectives outlined were to describe the socio-cultural traits present in the "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" e "Inscrição para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". To analyze Ethel Parsons's notes on the candidates for the visiting nurses course in connection with the official reports sent to the Rockefeller Foundation. To discuss the implications of the Parsons strategy for the candidates for the course of Visiting Nurses of the National Department of Public Health. The corpus of document-objects consisted of the "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" / "Inscrição para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis", including Reports of the Nursing Service and Nursing Education of the DNSP that Ethel Parsons sent to the Rockefeller Foundation. We adopt as theoretical reference the historian Roger Chartier, based on the New Cultural History, that defines it as the way in different places and moments a social reality that is constructed, though, given to read. Ethel Parsons used criteria to select her students, both for the visiting nursing course, and to select the future public health nurses. At that moment, Parsons wrote on the margins of the instruments records about the candidates who confirm his devotion in selecting his students.

Key-words: Nursing. History. Public Health.

RESUMEN

Se trata de un estudio histórico cultural, que tiene como objeto los registros de la enfermera norteamericana Ethel Parsons en las márgenes de los instrumentos de evaluación y selección de las enfermeras visitadoras del Departamento Nacional de Salud Pública (DNSP) en el período de 1922 a 1923. O estudio fue realizado con Roger Chartier como referencial teórico y basado en los presupuestos de la Nueva Historia Cultural. Los objetivos trazados fueron Describir los rasgos socio-culturales presentes em el "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" e "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". Analizar las anotaciones de Ethel Parsons sobre las candidatas al curso de enfermeras visitadoras relacionando con los informes oficiales enviados a la Fundación Rockefeller. Discutir las implicaciones de la estrategia Parsons para las candidatas al curso de Enfermeras Visitadoras del Departamento Nacional de Salud Pública. El corpus de documentos-objetos fue constituido por los "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" / "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis" e Informes del Servicio de Enfermería y Educación en Enfermería del DNSP que Ethel Parsons envió a la Fundación Rockefeller. Adoptamos como referencial teórico el historiador Roger Chartier, fundamentado en la Nueva Historia Cultural, que la define como el modo en que en diferentes lugares y momentos una realidad social es construida, pensada, dada a leer. Ethel Parsons utilizaba criterios para seleccionar a sus alumnas, tanto para el curso de enfermeras visitadoras, como para seleccionar a las futuras enfermeras de salud pública. En ese momento, Parsons escribía a los márgenes de los instrumentos registros sobre las candidatas que confirman su devoción al seleccionar a sus alumnas.

Palabras clave: Enfermería. Historia. Salud Pública.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 355

FIGURAS 2 e 3. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 366

FIGURAS 4 e 5. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 388

FIGURA 6. Fac-símiles Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas..... 40

FIGURA 7. Fac-símiles Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas..... 41

FIGURA 8. Fac-símiles Perguntas iniciais do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas. 42

FIGURA 9. Fac-símiles Perguntas Educação Acadêmica do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas. 42

FIGURA 10. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 43

FIGURA 11. Fac-símiles Perguntas Occupações Anteriores do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas. 44

FIGURA 12. Fac-símiles Perguntas Finais do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas. 45

FIGURA 13. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 48

FIGURA 14. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 499

FIGURA 15. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 50

FIGURAS 16 e 17. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 51

FIGURA 18. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 53

FIGURAS 19 e 20. Fac-símiles Apello ás Moças Brasileiras. 56

FIGURA 21. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 57

FIGURA 22. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1923. 57

FIGURA 23. Fac-símiles Perguntas Extras. 61

FIGURA 24. Fac-símiles Demissão devido a Doença..... 61

FIGURAS 25 e 26. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1923. 65

FIGURA 27. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922. 68

FIGURA 28. Fac-símiles Questionário “Not to be called again”. 69

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Alunas que concluíram o curso no ano de 1922. 533

QUADRO 2. Alunas que não concluíram o curso no ano de 1922. 55

QUADRO 3. Avaliação da aparência das candidatas que iniciaram o curso em 1923. 62

QUADRO 4. Avaliação da atitude das candidatas que iniciaram o curso em 1923. 63

QUADRO 5. Outras escritas das candidatas que iniciaram o curso em 1923..... 64

QUADRO 6. Avaliação da aparência das candidatas que não iniciaram o curso em 1923. 66

QUADRO 7. Avaliação da atitude das candidatas que não iniciaram o curso em 1923.... 67

QUADRO 8. Outras escritas das candidatas que não iniciaram o curso em 1923. 69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Pesquisa na Central de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery. 31

TABELA 2. Pesquisa na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 32

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 11
1.1 CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO 17
1.2 ESTADO DO CONHECIMENTO 18
1.3 MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO 22
2 PERSPECTIVA E PRESSUPOSTOS DA HISTÓRIA CULTURAL 244
3 OPERAÇÃO METODOLÓGICA 30
4 TRAÇOS SOCIOCULTURAIS PRESENTE NO QUESTIONÁRIO PARA AS ENFERMEIRAS VISITADORAS 34
5 A INSCRIÇÃO PARA A ESCOLA PREPATÓRIA DE NURSES NO ANO DE 1922 48
6 A INSCRIÇÃO PARA A ESCOLA PREPATÓRIA DE NURSES NO ANO DE 1923 59
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS 74
APÊNDICE 1. Matriz de Análise dos Questionários **79**
APÊNDICE 2. Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em inglês, ano de 1922. ..... **80**
APÊNDICE 3. Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em português, ano de 1922. ..... **81**
APÊNDICE 4. Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em inglês, ano de 1923. ..... **82**
APÊNDICE 5. Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em português, ano de 1923. ..... **85**

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No início de 1920 o cenário do Rio de Janeiro era o de um povoamento desordenado. As habitações do tipo "cortiço", nos quais muitas pessoas dividiam o mesmo espaço, ocupavam boa parte da cidade. Isso contribuiu para a disseminação de várias doenças infectocontagiosas, com destaque para a tuberculose. (AYRES, 2010).

Logo, o índice de morbimortalidade vinculado a essa doença acompanhou o processo de urbanização, modernização e industrialização da cidade. Uma tentativa de mudança desse quadro foi quando o delegado sanitário da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP)[1] Plácido Barbosa organizou um plano de luta contra a tuberculose, que incluiu a criação do serviço de vigilância higiênica das pessoas com tuberculose no domicílio, para as desinfecções no curso da doença e o ensino da higiene antituberculosa. Este serviço seria realizado mediante inspetores médicos auxiliados pelos subalternos necessários. (AYRES, 2012). Observa-se, assim, a utilização da educação sanitária como medida de prevenção e combate as doenças.

No final de 1919, ocorreu a aprovação e criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP)[2]. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, após discussão por dois anos (1918-1920), o legitima através do Decreto n.º 3.987 de 02 janeiro de 1920, originário da Diretoria Geral de Saúde Pública, que até então, comandava o serviço sanitário. Este decreto também estabeleceu as novas bases burocrático-administrativas da saúde pública brasileira e foi o ponto de partida de uma reforma sanitária.

Epitácio Pessoa, Presidente da República, nomeou Carlos Chagas como diretor do Departamento. Em sua regulamentação, o DNSP foi divido administrativamente em inspetorias. Dentre essas inspetorias, foi determinada a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, cuja direção foi assumida, temporariamente, pelo sanitarista José Paranhos Fontenelle. Nesse momento foi percebida a falta de um elemento que servisse de elo entre o dispensário e o lar. (CARVALHO, 1976).

Como solução de emergência, sob a direção de José Paranhos Fontenelle, um grupo de senhoras foi organizado para visitar os doentes em suas casas e orientar as famílias quanto ao tratamento e os perigos do contágio. Essa ideia deu origem posteriormente à formação das

[1] Diretoria Geral de Saúde Pública foi criado em 1897 e unificou os serviços de saúde pública sob sua responsabilidade.

[2] Após a criação do DNSP, este foi regulamentado primeiramente pelo Decreto n.º 14.189 de 26 de maio de 1920, porém com as reclamações apresentadas e modificações sugeridas, o início da execução deste decreto foi adiado indefinidamente. Com isso, somente 15 de setembro de 1920, através do novo Decreto n.º 14.354 ocorreu a regulamentação do Departamento Nacional de Saúde Pública. (MASCARENHAS, 2013)

"visitadoras de higiene sanitária" ou enfermeiras visitadoras, como as nomeamos neste estudo. (CARVALHO, 1976).

Nesta época, o Departamento Nacional de Saúde Pública passava por um momento de organização e estruturação. Carlos Chagas, em uma das suas visitas aos Estados Unidos, solicitou a cooperação e assistência do Serviço Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller para organização, no Brasil, de um serviço de enfermeiras que pudesse auxiliar nas atividades do Departamento. (CARVALHO, 1976).

Vale ressaltar que a vinda da Fundação Rockefeller (FR) ao Brasil teve um papel[3] importante na evolução do movimento sanitarista. A Fundação foi a instituição norte-americana que mais interferiu nos rumos da Saúde Pública brasileira na década de 1920. No ano de 1915 chegava ao Brasil a primeira comissão médica da Fundação Rockefeller. A receptividade brasileira à política sanitária da Fundação também abria a possibilidade de investimentos financeiros no país. Esta, então, concedeu bolsas de estudo a médicos/sanitaristas, como Fontenelle, Plácido Barbosa e João de Barros Barreto, para participar do Curso de Saúde Pública na Johns Hopkins University. (SANTOS, 1985).

Os contatos iniciais entre o DNSP e o Institute of Health Board (IHB) resultaram na formalização, em maio de 1921, de um acordo de cooperação técnica entre essas instituições. O primeiro diretor do Conselho Internacional de Saúde da FR, Lewis Wendell Hackett, foi o grande inspirador da organização de um serviço de enfermeiras no DNSP. Além de estimular Chagas a conhecer a contribuição das enfermeiras americanas nas campanhas profiláticas de seu país, intermediou as negociações com a Fundação, para a vinda de uma missão de enfermeiras norte-americanas ao Brasil. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

Em consequência, conformou-se a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, cuja coordenação foi delegada à enfermeira

[3] A presença da Fundação Rockefeller no Brasil não resultou de uma imposição, mas de uma decisão do Estado brasileiro, que optou por estabelecer acordos com esta instituição. As relações entre o Brasil e essa Fundação se aprofundaram a partir de 1915, ano em que chegou ao país a primeira comissão médica, com a missão de estudar as condições do ensino e da prática médica, dos serviços de saúde pública e os progressos sanitários em geral. (CASTRO SANTOS; FARIA, 2004). A Fundação Rockefeller atuou no Brasil de 1916 a 1942, registrando, em relatórios periódicos, diagnósticos, ações e tendências do quadro sanitário local. Na década de 1920, o Estado republicano tomou a iniciativa de chamar a Fundação Rockefeller a contribuir com a modernização da saúde pública brasileira, em consonância com os ideais de cientificidade, racionalidade e higiene imperante. Tanto para os sanitaristas, quanto para as enfermeiras, a mediação da Fundação Rockefeller redundaria na possibilidade de vivenciarem a experiência de bolsas de estudo no exterior e estágios nos serviços estaduais. (MOREIRA, 1999).

norte-americana Ethel Parsons[4], que chegou ao Brasil com seu grupo de enfermeiras em apoio. (MASCARENHAS, 2010).

Carlos Chagas então procurou os meios adequados, a fim de preparar o pessoal necessário. Sua intenção era melhorar os serviços de enfermagem e capacitar o grupo de enfermeiras visitadoras existentes, por isso, Ethel S. Parsons foi enviada ao Brasil com a missão de organizar uma escola e implantar um serviço de enfermeiras de saúde pública no Brasil. Apesar de já existir escolas de enfermagem no Brasil, na visão deles, o número de enfermeiras[5] em atividade era mínimo e todas já se encontravam em atividade em Instituições de Saúde. (AYRES, 2010).

Ethel Parsons aportou no Rio de Janeiro no final de 1921 e apresentou um estudo da situação da assistência de saúde nesta cidade e proporcionou às autoridades a visão da realidade presente com possibilidades futuras. Segundo Carvalho (1976), como primeira providência para ajustar as ideias do sistema norte-americano às necessidades do Brasil, foi criado o Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, no mesmo nível de autoridade dos demais serviços do DNSP, ao qual deviam ficar subordinadas todas as outras atividades de enfermagem existentes ou a serem iniciadas.

Nesta mesma época, nos Estados Unidos da América, estava acontecendo um estudo sobre a enfermagem, realizado por um grupo de notáveis, o Comitee for Study of Nursing Education, sob a presidência do ilustre sanitarista Charles-Edward Amory Winaslow, professor da Yale University e secretariado por Josephine Goldmark, assistente Social. Como resultado, em 1923 foi publicado o Relatório Goldmark, que abrange diversos temas, dentre eles, os aspectos relativos à organização de um grupo subsidiário da enfermagem. (FREIRE, 2007).

Desse modo, considerando a política de saúde norte-americana à época, a presença e atuação da Fundação Rockefeller e a publicação do estudo da Educação da Enfermagem norte-americana, conhecido com Relatório Goldmark, pode-se compreender melhor o contexto que Parsons visualizava alcançar no Brasil.

A discussão do Relatório Goldmark centrou-se no treinamento apropriado de enfermeiras empregadas, não apenas em saúde pública, mas em hospitais e serviços privados.

---

[4] Ethel Parsons realizara seus estudos na escola de enfermeiras de Columbus, Ohio, e possuía preparação especial em saúde pública. Havia estudado no México e dominava o idioma espanhol. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

[5] A partir de 1916, os relatórios dos pesquisadores da Fundação Rockefeller passam a registrar a falta de enfermeiras diplomadas brasileiras no país, onde a assistência de enfermagem, em geral, era feita por pessoal de nível elementar, supervisionado por freiras. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

Concluíram que, a profissão da enfermeira vinha desempenhando o dever fundamental para o público de estimular o desenvolvimento de leis e registros que definiam e delimitavam a prática desta profissão. (FREIRE, 2007).

Em adição ao registro de enfermeiras treinadas, seria essencial que o grau mais baixo de serviço de enfermagem fosse também definido e registrado. Com isso, foram definidos os termos "auxiliar de enfermagem" e "assistente de enfermagem". (FREIRE, 2007).

Logo, quando Parsons herdou a liderança do curso de enfermeiras visitadoras[6] do Departamento Nacional de Saúde Pública, curso que antes estava sob a liderança do sanitarista José Paranhos Fontenelle é compreensível que ela era contra a realização desses cursos, pois o considerava uma ameaça para a imagem das futuras enfermeiras de saúde pública. Entretanto cedeu à pressão da elite médica brasileira, que solicitou que concorrentemente à formação de enfermeiras de saúde pública, continuasse ocorrendo a formação de enfermeiras visitadoras, a fim de suprir uma demanda imediata diante da escassez de recursos humanos com orientação técnica para enfrentamento da epidemia. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Assim, para atender à necessidade imediata do Departamento, Parsons ofereceu um curso de emergência de seis meses para enfermeiras visitadoras, que atuavam na Inspetoria de Profilaxia a Tuberculose e posteriormente, um curso de 10 meses, visto que em apenas 6 meses a formação dessas profissionais se mostrou como elementar. As aulas ocorriam na sede do Serviço de Enfermeiras. O curso de 6 meses iniciou em 24 de abril de 1922 e foi encerrado em 21 de outubro desse mesmo ano, já o primeiro curso de 10 meses começou em 19 de fevereiro de 1923 e terminou em 15 de dezembro do mesmo ano, o curso de 10 meses foi repetido mais 2 vezes. (AYRES, 2010).

A proposta do curso foi oferecer apenas pequenas noções para essas mulheres desenvolverem um trabalho padronizado, pois a ideia principal de Parsons era investir na instrução de enfermeira em saúde pública. (AYRES, 2010). Para esse curso foram aproveitadas algumas das visitadoras que já estavam trabalhando e algumas senhoras voluntárias.

Entre o ano de 1922 e 1923, há a transição da duração do curso de 6 para 10 meses. Nesse segundo momento, as alunas do curso de enfermeiras visitadoras iriam por 4 meses

[6] Diversos termos são utilizados para determinar as visitadoras na década de 1920, como visitadoras de higiene, visitadoras de saúde pública. Para o fim deste estudo serão denominadas "enfermeiras visitadoras". Já as enfermeiras que completaram o curso da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública denominaremos "enfermeiras de saúde pública".

assistir aulas em conjunto com as futuras enfermeiras de saúde pública, e nos últimos 6 meses de curso, iriam estar 1 mês no dispensário de tuberculose, 1 mês no dispensário de crianças e 4 meses em visita nos distritos. (MISSÃO PARSONS, 1922).

Parsons (1922) relata que a Superintendente da Escola Preparatória do Hospital de São Francisco de Assis, Miss Clara Louise Kieninger, concordou em dar as enfermeiras visitadoras que completassem o curso e desejassem, o crédito de 10 meses e a possibilidade de continuar a estudar na Escola de Enfermagem do DNSP. Elas entrariam para a Escola como "alunas júnior", recebendo um diploma de enfermeira depois de mais 18 meses de estudo. Dessa forma, sua ideia de formar enfermeiras de saúde pública não permaneceu em segundo plano.

Para concorrer aos cursos de enfermeiras visitadoras, era necessário preencher uma ficha intitulada "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" ou "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". Ambas as fichas continham as mesmas questões, apesar do título diferente. Nelas eram requisitadas informações pessoais, como: nome; referências; condições de saúde; dentre outras, que deveriam ser respondidas pelas candidatas ao curso. Na maior parte dessas fichas constam em suas margens, registros escritos à mão, tanto a lápis quanto com caneta vermelha, acompanhados da assinatura ou iniciais da enfermeira Ethel Parsons. Esses registros versavam sobre os critérios de Parsons para as candidatas ao curso.

As candidatas ao curso preenchiam o questionário e ao final, datavam e assinavam. Não foram encontrados registros exatos sobre quem realizava a aplicação dos questionários às candidatas, porém acredita-se que essa seleção foi realizada pela própria Parsons, com apoio das enfermeiras norte-americanas que a acompanharam na Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil.

Assim como para ingressar na Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, observa-se que Parsons também foi exigente quanto aos requisitos para iniciar o curso de enfermeiras visitadoras, visto que após o curso de 10 meses, havia a possibilidade dessas alunas concluírem o curso como enfermeiras diplomadas.

Durante sua permanência no Brasil, Ethel Parsons enviava periodicamente relatórios oficiais à Fundação Rockefeller, discorrendo sobre seu trabalho, suas dificuldades e desafios. Nesses relatórios, Parsons disserta sobre o curso de visitadoras, como foi a sua criação e o porquê de ela ter herdado a liderança do curso.

Com isso, estuda-se as anotações estruturadas e não estruturadas, sistemáticas e não sistemáticas, com vista a classificar e qualificar moças da sociedade brasileira que foram

candidatas ao curso. Essas escritas em sua maioria eram realizadas por Ethel Parsons às margens dos "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas[7]" e "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". As próprias enfermeiras visitadoras após o serviço prestado escreviam seus objetivos do trabalho realizado através das visitas domiciliares e, em segundo momento, se inscreviam para entrar no curso de enfermeiras visitadoras.

Roger Chartier, referencial a ser utilizado neste estudo, aborda em sua obra "Inscrever e Apagar", a necessidade de aproximar o que a tradição ocidental separou durante muito tempo: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação, circulação e apropriação. A distinção radical entre a obra em sua essência e os acidentes que a deformaram ou corromperam. (CHARTIER, 2006).

Com isso, ao estudarmos as escritas de margens da enfermeira norte-americana Ethel Parsons, equiparando com os relatórios oficiais enviados a Fundação Rockefeller, espera-se conseguir analisar as condições técnicas e sociais que embasaram os relatórios. Logo, nosso objeto do estudo são os registros da enfermeira norte-americana Ethel Parsons nas margens dos instrumentos de avaliação e seleção das candidatas a enfermeiras visitadoras do DNSP no período de 1922 a 1923.

O espaço temporal deste estudo são os anos de 1922 e 1923. Em 1922 foram encontrados os primeiros relatos das enfermeiras visitadoras do Curso de Emergência do Departamento Nacional de Saúde Pública e no ano de 1923 ocorreu a seleção para o último curso de enfermeiras visitadoras.

Pretende-se elucidar a seguinte questão norteadora:

1. Quais os critérios evidenciados pela escrita de Ethel Parsons na seleção das candidatas para o curso de Enfermeiras Visitadoras do Departamento Nacional de Saúde Pública?

Os objetivos propostos para o estudo são:

- Descrever os traços socioculturais presentes no: "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" e "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis".

[7] Nos relatórios de Ethel Parsons enviados à Fundação Rockefeller há citação de "*clinic attendants*", porém não foi encontrado relatos do prosseguimento desse curso ou outra citação sobre estas profissionais.

- Analisar as escritas de margem de Ethel Parsons sobre as candidatas: como estratégia de classificação pessoal; e como potencialidade de entrada e sucesso para a formação individual da enfermeira.
- Discutir as implicações da estratégia Parsons para a organização de uma escola nos moldes norte-americanos no âmbito do Departamento Nacional de Saúde Pública.

1.1 CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO

Até o presente momento não foram encontrados estudos sobre os registros de margem da enfermeira norte-americana Ethel Parsons, ou sobre os requisitos necessários para entrar e concluir o curso de enfermeiras visitadoras, logo, esse estudo tem a intenção de preencher a lacuna existente. Estudos como os de Ayres (2010), Mascarenhas (2013) e Barreira (1999), dentre outros, já vinham preenchendo algumas dessas lacunas, mas o espaço temporal do nascedouro até os dias de hoje é extenso e ainda incompleto. Conforme White (1994, p.105):

> A narrativa histórica contém elementos de interpretação, pois os documentos não fornecem tudo, tendo os historiadores que realizar um trabalho de preencher lacunas, sendo justamente esse trabalho de interpretação, essa ação de escolher, destacar, recortar seus documentos e fatos que torna a história uma prática manipulável, tornando-a um texto semelhante a um artefato literário.

A criação do curso de enfermeiras visitadoras do Departamento Nacional de Saúde Pública ocorreu para suprir uma demanda imediata, sendo elas então as pioneiras deste serviço. Os principais estudos encontrados denotam as enfermeiras visitadoras como tendo uma grande oportunidade, porém dão pouca ênfase sobre a percepção que essas mulheres tinham a respeito do trabalho que desenvolviam.

Jooris e Pellon (2016, p. 4), em seu estudo sobre as exercentes de enfermagem no Ceará no governo Vargas, observam que:

> As reorientações sofridas pelo curso e as publicações de lições didáticas ocorreram no mesmo momento em que os serviços de saúde pública cearense passavam por ampla remodelação quando, também, julgou-se necessário investir na formação de visitadoras sanitárias para preencher a lacuna de pessoal com competências mínimas de enfermagem para atuar nos serviços de saúde pública. Tal investimento seguia os moldes daquele levado à cabo pelo Departamento Nacional de Saúde Pública para enfrentamento em caráter de urgência das epidemias que assolavam a capital federal na década de 1920, enquanto se investia na formação da primeira turma de enfermeiras pela escola oficial deste departamento, atual Escola Ana Nery.

Logo, observa-se que houve investimento dessas profissionais em outras décadas e locais do Brasil, com o mesmo objetivo, suprir as demandas.

Além disso, Ayres (2010, p. 106) relata que:

> Apesar da oposição de Ethel Parsons à figura da enfermeira visitadora, depreende-se que apenas essas agentes realizariam a visita domiciliar aos doentes com tuberculose e contactantes, conforme proposto no Regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. As enfermeiras de saúde pública norte-americanas e os médicos preferiam não se expor ao risco do contágio da doença.

Com isso, observa-se a importância das enfermeiras visitadoras, visto que eram as únicas profissionais que se dispunham a realizar a visita domiciliar, já que os médicos e as enfermeiras norte-americanas não queriam se expor ao risco da contaminação.

Ao estudar as escritas de margem da enfermeira norte-americana Ethel Parsons nos instrumentos aplicados às enfermeiras visitadoras, podemos entender essa figura importante para a enfermagem brasileira, suas ideias, motivações e dificuldades encontradas ao vir para o Distrito Federal para a Missão que ficou conhecida pelo seu sobrenome, Missão Parsons. Além disso, compreender melhor o campo da saúde pública e da enfermagem no início da década de 1920.

Por último, o estudo contribui para o desenvolvimento da pesquisa institucional intitulada: "História do cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições" do grupo de pesquisa (Diretório CNPq) - Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF) e do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE), inserida na linha de pesquisa-Saúde, História e Cultura: Saberes em Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado - PPGENF/UNIRIO.

1.2 ESTADO DO CONHECIMENTO

As temáticas das enfermeiras visitadoras não é objeto inédito de estudo, mas, as publicações que as tomaram enquanto fonte e/ou objeto de análise não discorrem sobre os requisitos necessários para entrar no curso. Também não foram encontrados estudos sobre as escritas na margem da enfermeira norte-americana Ethel Parsons nos instrumentos de avaliação.

Em meio às diversas produções, cabe destacar a dissertação de mestrado de Lilian Fernandes Arial Ayres que discorre sobre a estratégia de luta simbólica, para a formação de

agentes com vistas às atividades de visitação domiciliar entre os Cursos de Enfermeiras Visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro (DF), com repercussão no Departamento de Saúde e Assistência do estado de Pernambuco, num período compreendido entre 1920 e 1926.

Segundo Ayres (2010), a situação caótica no Rio de Janeiro pós-guerra contribuiu com a disseminação de doenças infectocontagiosas, principalmente a tuberculose. Nesse contexto começaram a se realizar diversas propagandas para a formação de agentes voltados à visitação domiciliar. Assim, houve a criação do primeiro curso de enfermeiras visitadoras pela Cruz Vermelha Brasileira no ano 1920, idealizado pelo sanitarista Amaury de Medeiros. Segundo registros, apenas um curso foi oferecido, porém Medeiros levou sua ideia para Recife no início de 1923, sendo desenvolvida com êxito até 1926. Vale destacar, que mesmo após a saída de Amaury de Medeiros, a Cruz Vermelha Brasileira permaneceu com a Campanha Nacional contra a Tuberculose e a Escola Prática de Enfermeiras permaneceu funcionando.

No mesmo ano, o sanitarista José Paranhos Fontenelle organizou um curso de emergência para enfermeiras visitadoras, no âmbito do Departamento Nacional de Saúde Pública. Após o primeiro curso oferecido pelo DNSP, aconteceram mais 4 cursos oferecidos por Ethel Parsons. Ayres (2010) observou em sua pesquisa, que para o sanitarista era fundamental aumentar o número de agentes sociais, para reduzir o número de médicos no exercício da visita domiciliar na Inspetoria da Profilaxia contra a Tuberculose. A seu ver, a presença majoritária de médicos funcionava como uma das estratégias de dominação masculina. Aceitar apenas mulheres para a visita domiciliar foi uma forma encontrada pelos sanitaristas de manter o monopólio indireto sobre o território domiciliar, mediado pela dominação masculina sobre as enfermeiras visitadoras. O que estava em discussão era quem tinha a autoridade para formar as enfermeiras visitadoras.

Ayres (2010) concluiu que, o capital político e cultural do sanitarista Amaury de Medeiros não conseguiu manter autoridade e competência científica para a formação das enfermeiras visitadoras, porém Fontenelle, além de deter o capital político, era funcionário do DNSP e aliado do sanitarista Carlos Chagas, logo manteve o monopólio da questão das enfermeiras visitadoras. Ocorreram diversos desdobramentos a partir do curso de enfermeiras visitadoras no Rio de Janeiro. As iniciativas proporcionaram a expansão do trabalho feminino na Primeira República e ampliaram a perspectiva da enfermagem no campo da saúde pública. A enfermeira de saúde pública surgiu da necessidade de haver um agente feminino capaz de suprir as demandas da visita domiciliar e da educação sanitária. Além disso, o investimento nas visitadoras por seus idealizadores, mostrou-se uma estratégia bem-sucedida.

Lauriano e Barreira (2002), em sua pesquisa sobre a participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920, traz as enfermeiras visitadoras como profissionais subalternas. A luta simbólica das enfermeiras foi a de construir uma imagem da enfermeira preparada, indo contra inclusive os próprios médicos do DNSP. Estes queriam resolver o problema de forma imediata. Os médicos que atuavam no setor de doenças venéreas, tuberculose e higiene infantil haviam contratado 44 moças, algumas de baixa instrução, e após 12 palestras ministradas por eles, passaram a atuar como visitadoras. Para Parsons, a enfermeira era a figura central no ensinamento das doutrinas sanitárias vigentes, enfatizando que a aptidão da enfermeira se pautava em sua capacidade de ensinar por demonstração, em face da sua experiência em área hospitalar.

Lauriano e Barreira (2002), concluiu que ao final da Missão das enfermeiras norte-americanas no Rio de Janeiro, em 1931, as enfermeiras diplomadas, pela Escola de Enfermagem Anna Nery reivindicavam a posição de poder, que antes eram ocupadas pelas enfermeiras americanas, porém a presença americana contribuiu para valorização da profissão enfermeira na sociedade brasileira.

Nildo Batista Mascarenhas traz em sua dissertação de mestrado a análise da enfermeira brasileira no campo da saúde pública, entre 1920-1925. Para Mascarenhas (2013), no Código Sanitário de 1920 o trabalho da enfermeira, designada ‘enfermeira-visitadora’, foi instituído para complementar o trabalho médico no controle da tuberculose, através da educação sanitária, da visita domiciliar e da vigilância. Além da sua função complementar, o trabalho das enfermeiras visitadoras era subordinado ao trabalho médico, atuando diretamente nos domicílios como elo entre os médicos e as famílias.

Vale destacar que, embora a educação sanitária tenha sido inicialmente operacionalizada pelos médicos, no momento da formulação da política de saúde pública dos anos 1920 ela foi repassada à mulher/enfermeira-visitadora. (ALCÂNTARA, 1963 apud MASCARENHAS, 2013).

O primeiro curso para formação de enfermeiras-visitadoras do DNSP foi realizado emergencialmente, para o atendimento das demandas do órgão, especialmente da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. Com duração de 2 meses, ele foi ministrado por sanitaristas do referido Departamento, porém Fontenelle observou que o curso teve falhas e necessitava de reformulações. Tal fato pode ter contribuído com o convênio estabelecido com a Fundação Rockefeller para estruturar a formação de enfermeiras. (MASCARENHAS, 2013). Foi configurada então a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, cuja coordenação foi delegada à enfermeira norte-americana Ethel Parsons.

Ao chegar ao Brasil, Parsons constatou que inexistiam escolas de enfermagem que atendessem aos padrões norte-americanos. Para ela, a criação de uma escola de enfermeiras era imprescindível para que o país fornecesse enfermeiras com preparo adequado para o enfrentamento dos problemas de saúde pública. A Escola de Enfermeiras do DNSP foi organizada sob as mais modernas tendências da educação em enfermagem norte-americana. (MASCARENHAS, 2013).

Vale ressaltar que a Escola de Enfermagem de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), primeira escola de enfermagem do Brasil, foi fundada em 1890, anexa ao Hospital Nacional de Alienados, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro Presidente do Brasil, com o objetivo de resolver um problema urgente de assistência aos alienados, destacando que apesar do argumento de se resolver o problema de pessoas do sexo feminino, a EPEE também se destinava ao preparo de profissionais do sexo masculino. (MOREIRA; PORTO; OGUISSO, 2002).

Além disso, há registros de mais três escolas de enfermagem no Brasil antes da década de 1920, a Escola de Enfermeiras do Hospital Samaritano de São Paulo, fundada em 1901, nos moldes ingleses; a Escola da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro, fundada em 1916, algumas literaturas apontam essa como a segunda Escola de Enfermagem do Brasil; e a Escola do Exército, fundada em 1921. (PAVA; NEVES, 2011).

Segundo Mascarenhas (2013), a Escola de Enfermeiras do DNSP incorporou profundas mudanças, como a assimilação de diversos critérios para o ingresso das alunas. Estes critérios eram rígidos, preconceituosos e elitistas, a ponto de direcionar a seleção de alunas para um universo de mulheres 'nobres'[8], sem deformidades físicas e com moral publicamente comprovada.

Mascarenhas (2013) concluiu em seu estudo, que com a criação do DNSP houve a necessidade de trabalhadores qualificados para operacionalizar a política de saúde nascente, cuja base era o moderno higienismo e cujo eixo operativo era a educação sanitária. Neste sentido, era preciso inserir trabalhadores no DNSP que adentrassem nos domicílios das pessoas e disseminassem os preceitos da moderna higiene através da educação sanitária. Foi neste momento que a enfermeira começou a ser inserida no interior do aparelho de Estado. A inserção da enfermeira brasileira no campo da saúde pública, entre 1920 e 1925, foi um

[8] Importante ressaltar que aproximadamente em 1883, o inglês Francis Galton descreveu a eugenia pela primeira vez. Para tal, Galton utilizou-se dos estudos da teoria da seleção natural realizados por seu primo e reconhecido cientista Charles Darwin para desenvolver uma ciência sobre a "hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros" (FIGUEIREDO, 2019).

processo permeado por determinantes políticos, ideológicos e de gênero. Constatou-se que no campo da saúde pública a enfermeira visitadora era considerada trabalhadora secundária e subordinada/submissa ao poder médico e não possuía qualificação profissional nem formação em enfermagem; integrava o staff "subalterno" do DNSP; era um elo entre os médicos do DNSP e as pessoas nos domicílios; e o seu trabalho era exclusivamente a visitação domiciliar às pessoas acometidas pela tuberculose, que era uma estratégia para operacionalizar, a partir de conhecimentos elementares, a educação,o sanitária e a vigilância higiênica.

1.3 MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

Falar sobre as enfermeiras visitadoras no campo da saúde pública enquanto fonte e objeto de estudo, remontam meu percurso pessoal, pelo desejo de desenvolver um estudo no campo da saúde pública e da história da enfermagem.

Participei durante toda a graduação, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), do Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (LAPHE), escrevendo meu trabalho de conclusão de curso com o tema "Lydia das Dores Matta e sua trajetória como diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto".

Como enfermeira especialista em saúde da família, trabalho diretamente com agentes comunitários de saúde, e observo a importância do trabalho desses profissionais, principalmente com relação à visitação domiciliar, orientações prestadas aos usuários e o vínculo com a comunidade. Com isso, comecei a pesquisar sobre as origens da profissão agente comunitário, chegando então às enfermeiras visitadoras, profissionais que eram formadas com objetivo de realizar a visita domiciliar e a educação sanitária da população, a fim de promover saúde e prevenir a disseminação das doenças.

Percorri, então, a Casa de Oswaldo Cruz na Fundação Oswaldo Cruz, porém em um primeiro momento, não obtive grande sucesso. Posteriormente fui ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde encontrei três caixas intituladas "HESFA- Visitadoras de Saúde Pública" dos anos de 1922, 1923 e 1923/1925, com as fontes documentais essenciais para o desenvolvimento do estudo. A partir de então, iniciei o desenvolvimento do atual projeto. Posteriormente retornei à Casa de Oswaldo Cruz onde encontrei os relatórios oficiais de Ethel

Parsons para a Fundação Rockefeller, estabelecendo assim todas as fontes para o estudo ser desenvolvido.

2 PERSPECTIVA E PRESSUPOSTOS DA HISTÓRIA CULTURAL

A Nova Histórica Cultural tem seu início nas décadas mais recentes, mais especificamente nas décadas finais do século XX. O termo da Nova História Cultural foi difundido a partir dos anos de 1980. Em linhas gerais, pode-se dizer que a nova história cultural privilegia o estudo da linguagem, práticas e representações, sempre buscando relações entre as formas simbólicas e o mundo social. Para isso, as diversas correntes identificáveis no âmbito da História Cultural relacionam-se a diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a Antropologia, a Linguística, a Psicologia ou a Ciência Política e se distancia das perspectivas estruturalistas e semióticas, que consideram textos como objetos autônomos e funcionamento da linguagem como algo automático.

Chartier e sua trajetória percorrida para construir as bases conceituais e metodológicas sobre as quais edificou seu projeto intelectual e também alguns conceitos e noções teóricas sobre a nova história cultural auxiliando assim na construção do referencial teórico deste estudo.

Para Burke (2008), a História Cultural não é algo recente, pois há mais de 200 anos na Alemanha ela já era praticada. Havia histórias sobre determinados grupos humanos, regiões e nações. O termo cultura era cada vez mais empregado na Europa, principalmente nas questões conflituosas entre a Igreja e o Estado, como aconteceu na Alemanha em 1870 num conflito conhecido como "a luta pela cultura" ou "guerra cultural". O que acontece é a divisão da História Cultural em quatro momentos, onde o primeiro seria a fase clássica, retratando temas renascentistas, preocupados em estudar as conexões entre as diferentes artes. Em seguida mudou-se o foco para a história social da arte, onde muitas contribuições históricas vieram de sociólogos como Max Weber. O terceiro momento da História Cultural é visto como aquele em que ocorre a descoberta do povo, assim como a produção artística e cultural que este realizava, e finalmente, a nova história cultural posterior aos anos 1970.

Tentando determinar como e de que maneira surgiu essa nova história, Burke retorna ao início dos *Annales*, com Bloch e Febvre e sua oposição aos rankenianos, para em seguida ir ainda mais para trás, chegando a Jacob Burckhardt e aos acadêmicos do século XVIII que pensavam a história muito além da política, considerando as maneiras de pensar de uma sociedade, o chamado “espírito da época”. Posteriormente, em 1991, o texto de Burke foi modificado para servir de introdução ao livro “A escrita da História”, publicado três anos depois de sua palestra inicial. Nele, as recentes tendências investigativas recebiam influências

de outras partes, como Inglaterra e Estados Unidos e questões como a do relativismo cultural, a micro-história e o construtivismo apontavam direcionamentos muito além da tradição francesa. (LANGER, 2012).

Com uma perspectiva mais restrita ao âmbito francês Roger Chartier, vincula diretamente o surgimento da Nova História Cultural como resposta e continuidade à história das mentalidades. Esse movimento recusaria o conceito de mentalidades, o considerando muito fluido, ambíguo e pouco preciso, sem articulações entre o psicológico e o social. Mas não negam o mental, nem os vínculos com a antropologia e a longa duração: "É lícito afirmar, portanto, que a história cultural é, neste sentido, um outro nome para aquilo que, nos anos 1970, era chamado de história das mentalidades". (VAINFAS, 2011, p. 133).

Chartier entende que a emergência da história das mentalidades entre os anos de 1960 e 1970 decorre do assalto contra a disciplina histórica levada a cabo por outras ciências sociais, como a linguística, a sociologia ou a etnologia. A estratégia da terceira geração dos *Annales* teria sido a de captar e anexar novos territórios sem abrir mão dos pressupostos consagrados da história econômica e social: a cifra, a série, o quantitativo, a longa duração, o recorte socioprofissional eram, então, aplicados ao estudo das mentalidades. (CARVALHO, 2005).

A história das mentalidades emerge a partir da década de 1960 como um domínio inovador que se debruça sobre o campo da inteligência e do afetivo ao dedicar atenção tanto às categorias psicológicas quanto às intelectuais que habitam o mental coletivo dos homens de uma época, buscando escapar às abordagens centradas nos feitos de grandes líderes políticos e sociais, tão comum aos estudos da história das ideias. Portanto, reduzida a uma especificidade nacional, "[...] mal assegurada em outras línguas que não o francês". (CHARTIER, 2002).

Segundo Guarato (2010), a substituição de mentalidades para representação foi uma necessidade, uma vez que a representação propicia a análise do local se apropriando do global e o que embasa isso são os jogos de escala. Desta forma, o deslocamento se dá na articulação entre práticas e representações, pois a justaposição do mental a outras esferas da sociedade total não permitia a dialética íntima das sociedades.

Nesse contexto, o sociólogo Pierre Bordieu constata em seus trabalhos sobre o campo intelectual como o mundo social foi percebido pelas grandes tradições intelectuais: de alguma maneira, as formulações teóricas de uns e outros são bastante condicionadas pela maneira pela qual entendem cultura. (BORDIEU, 2007).

Segundo Bordieu, uma primeira vertente remonta a Kant, entendendo cultura enquanto exercício da liberdade criadora. Ressalta-se aqui os bens culturais como instrumentos de conhecimento e de construção de mundo; o "aspecto ativo" dos sujeitos na criação do que Ernst Cassirer chama de "formas simbólicas" e Émile Durkhein de "formas sociais". Já a segunda vertente remonta a Marx, tendo também em Weber uma contribuição significativa. Trata-se de privilegiar as funções políticas dos bens culturais, entendidos principalmente como instrumentos de dominação. (CARVALHO, 2005).

O objetivo da história cultural para Chartier é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. (CHARTIER, 1990).

Para Carvalho (2005, p. 145), Chartier mantém um diálogo intenso com Bourdieu, que aponta que: "As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas".

Para Chartier, o conceito de representação permite articular 3 modalidades da relação com o mundo social: a delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais; as práticas de reconhecimento de uma identidade social; as formas institucionalizadas que marcam a existência de um grupo. Assim, não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações. Todo tipo de narrativa pode ser lida culturalmente, além das formas, sendo que o leitor pode participar da construção de seu sentido, originando a historicidade dos textos. (VAINFAS, 2011).

As representações não se opõem ao real; elas se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio real. (CARVALHO, 2005).

A força da representação pode tentar persuadir de um poder, mas pode também dar a perceber a distância entre os signos exibidos e a realidade que eles não podem dissimular. A pesquisa deve situar-se, segundo Chartier, na tensão entre a onipotência da representação e seus possíveis desmentidos. (CARVALHO, 2005).

Chartier não dicotomiza a relação entre verdade/ficção, a questão é que o real assume um novo sentido, mas ele está lá, ele existe. A noção de representação é tributária dessa dualidade, pois o real existe somente como representado, no sentido de que há uma organização, historicização de evidências. Assim, as práticas só possuem sentido quando representadas, se existir verdade, ela se situa entre as práticas e as representações, sendo que esta relação não deve ser polarizada, ao oposto, é necessário potencializar seu

entrecruzamento (GUARATO, 2010). “O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente não é”. (CHARTIER, 1990, p. 63).

Chartier nega que existam práticas ou estruturas que não seja representada, priorizando as representações e não o recorte social, pois as diferenças culturais não são as traduções de divisões estáticas e imóveis, mas sim efeito de processos dinâmicos, tornando necessário compreender como as construções das representações ocorrem conflituosamente entre um mesmo grupo ou entre grupos. (GUARATO, 2010).

Já o conceito de apropriação de Chartier (1990) desmonta o sujeito universal, promove uma abertura ao implodi-lo, ou seja, são as práticas de produção de sentido dependentes das relações entre texto, impressão e modalidade de leitura, sempre diferenciados por determinações sociais.

Chartier em seu texto intitulado “O Mundo como Representação” de 1991, aponta que:

> [...] a hermenêutica dá à apropriação, pensada como o momento em que a "aplicação" de uma configuração narrativa particular à situação do leitor refigura sua compreensão de si e do mundo, logo sua experiência fenomenológica tida como universal e subtraída a toda variação histórica. (CHARTIER, 1991, p. 175).

Ainda no campo das apropriações Chartier demonstra a forma como os leitores se apropriam dos textos e como eles os atingem, fatos estes muitas vezes negligenciados pela sociologia cultural da terceira geração dos *Annales*, e que através do conceito de apropriação pode ser explorado pela História Cultural. (CHARTIER, 1991).

Carvalho (2005) relata que as apropriações são entendidas por Chartier como práticas de produção de sentido, dependentes das relações entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais. O sentido das formas materiais que organizam a leitura deve receber atenção especial do historiador, pois as formas, os dispositivos técnicos, visuais e físicos, comandam se não a imposição do sentindo do texto, ao menos o uso de que podem ser investidos e as apropriações das quais são susceptíveis: formas boas para a leitura silenciosa, para a leitura oralizada em grupo, para a atuação um palco, entre outras.

Chartier utiliza como exemplo a *Bibliothèque Bleue* – os livros de capa azul que circulavam principalmente nas camadas mais populares da França dos séculos XVII a XVIII – revela-se um exemplo excepcional de intervenção editorial em uma obra com finalidade de tornar sua forma legível à vasta clientela, graças a uma série de modificações: simplificação e ilustração; títulos antecipados e repetitivos; resumos sintéticos e recapitulativos, e outros. (CARVALHO, 2005).

Segundo Carvalho (2005), a produção, circulação e a apropriação de representações sob a forma de textos são examinadas por Chartier não tanto sob o aspecto do conteúdo sobre o qual se lê - abordagem que poderia se aproximar da antropologia simbólica norte-americana ou da semiótica - ambas rejeitadas por Chartier, mas a partir da relação entre formas materiais e práticas habituais.

O historiador mostra estar atento para a forma como o texto é organizado em sua leitura, pois elas comandam o sentido do texto, o que reflete na análise historiográfica do mesmo, assim como as apropriações relacionadas. (CHARTIER, 1991).

Podemos então tomar as representações científicas de Ethel Parsons presentes no: "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" para a interpretação de forma reveladora de como ela realizou o critério e seleção das alunas, através do que estas se apropriaram do trabalho que viria a ser desenvolvido.

Conforme Guarato (2010), o real existe, mas só quando representado, ele permeia entre as práticas e as representações. Não tem como contar o real 100%. Chartier prioriza as representações e não o recorte social. As diferenças culturais não são traduções de divisões estáticas e imóveis, mas sim efeitos de processos dinâmicos, tornando necessário compreender como as construções das representações ocorrem conflituosamente entre um mesmo grupo ou entre grupos. O sentido é recebido, representado. Chartier foca nas apropriações.

Em sua obra, "Inscrever e Apagar", de 2006, Chartier analisa o mistério estético e a materialidade da escrita, se utilizando da obra de "Dom Quixote de la Mancha", escrito por Cervantes, cuja primeira publicação foi em 1615, onde utiliza de sua habitual habilidade para conceber o livro não apenas como um objeto, mas como um ente central no universo da cultura. O grande dilema estudado é o dilema da humanidade entre guardar documentos para não os perder ou, apagá-los para evitar um acúmulo excessivo de material, o que pode ser observado no trecho a seguir:

> O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. [...] O excesso de escrita, que multiplica texto inúteis, e abafa os pensamentos sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Portanto, embora temido, o apagamento, era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. (CHARTIER, 2006, p. 78).

Chartier disserta sobre o *librillo de memoria* de Cardênio, utilizado por Cervantes no caminho de Dom Quixote e Sancho, que serve de primeiro suporte a poemas e cartas que serão depois recopiados. Associa-se a escrita à memória e ao esquecimento, como se toda inscrição pudesse ou devesse ser apagada, o que pode ser observado a seguir: “Imaginar a memória como uma biblioteca de tabuletas no qual se encontram conservada citações, modelos e sentenças, colecionados ao longo das leituras não tem nada de original”. (CHARTIER, 2006, p. 73).

As tabuletas são “[...] um livreto em formato de bolso cujas folhas são revestidas com uma cobertura que permite escrever com um estilete e reutilizar as mesmas páginas depois de tê-las apagado [...]”, o mesmo que o *librillo de memoria*. (CHARTIER, 2006).

Assim, estudou-se as escritas de margem da enfermeira norte-americana Ethel Parsons, no critério e seleção das enfermeiras visitadoras, utilizando-se de sua memória, que poderia ser apagada, visto que suas inscrições em sua maior parte são realizadas a lápis.

3 OPERAÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa histórico-cultural operacionalizado pela técnica da análise documental e apoiado no pensamento do historiador francês Roger Chartier, alicerçado na Nova História Cultural.

Chartier, embora privilegie a análise de livros, seu método também permite a análise de outros documentos escritos.

Os documentos históricos são os intermediários entre o passado e o historiador e nem sempre o documento traduz a verdade. Por isso, os documentos devem ser submetidos a regras de críticas de autenticidade e de crítica da credibilidade, buscando a verdade do período estudado: "[...] o historiador aplicará a todos os documentos conscientes e inconscientes as regras da crítica externa, e as da crítica interna". (SALMON, 1979).

O documento é uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, por vezes esquecido, mas de alguma forma manipulado passando de geração a geração, até ser "reavivado" por alguém, ou seja, os documentos não aparecem aqui ou ali, por efeito do acaso, sua presença ou ausência nos arquivos, bibliotecas, ou qualquer outro espaço, dependem de causas humanas. A intervenção do historiador na escolha dos documentos, preferindo uns em detrimento de outros inscreve, portanto, os critérios que os ligam entre si numa situação que não é neutra e requer que seja considerada como parte da crítica documental. (LE GOFF, 1990).

De fato, a história é a única disciplina que tem a ambição de enunciar o que aconteceu; graças às técnicas próprias da "operação histórica", é possível reconhecer as falsificações e denunciar falsários, separando o verdadeiro do falso através de um saber controlável e verificável. Como de Certeau, Chartier entende que história é uma prática científica, um saber controlado com operações técnicas específicas, porém um saber limitado pelo "lugar social" de onde se fala. Abandonar a "intenção de verdade" é deixar o campo livre a toda sorte de falsificadores. (CARVALHO, 2005).

A operação historiográfica deve começar com uma pergunta, com uma questão histórica e com o reconhecimento dos traços do passado no presente, nas lembranças e nos vestígios, que servem de fonte ao historiador – problemática. Em seguida, entre a metodologia que reúne a heurística, interpretação e crítica das fontes (veracidade), na qual hipóteses são levantadas e testadas, onde o historiador se torna autorreflexivo e percebe sua relação ou não

com aquela tradição, questão angular, visto relacionar-se com o problema da objetividade e a subjetividade na história. (DROYSEN, 2009).

A estratégia da terceira geração dos *Annales* teria sido a de captar e anexar novos territórios sem abrir mãos dos pressupostos consagrados da história econômica e social: a cifra, a série, o quantitativo, a longa duração, o recorte socioprofissional era, então, aplicado ao estudo das mentalidades. Nesse contexto, a história seria chamada a reformular seus objetos, referências e princípios de inteligibilidade. (CARVALHO, 2005).

Chartier fala também sobre a diferença entre duas memórias, a do indivíduo, que pode ser falha, e a cultura e coletiva, que constitui o repertório utilizável por todos, compreendendo também, ou talvez, sobretudo, os analfabetos. (CHARTIER, 2006).

No dia 13 de junho de 2016, estive no Centro de Documentação (CEDOC) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo recebida pela professora responsável, que me auxiliou a localizar as caixas as quais eu precisava para fonte do meu trabalho. Anteriormente a isso, no dia 05 de maio de 2016, eu havia ido à Casa de Oswaldo Cruz, acervo da Fundação Oswaldo Cruz, porém sem sucesso na busca de fontes.

Fui ao CEDOC para coletar material nos dias 24 e 28 de março de 2017, 25 de abril de 2017, 12 e 16 de maio de 2017, 08 e 14 de agosto de 2017. Estive novamente na Casa de Oswaldo Cruz no dia 25 de julho de 2017, coletando dados referentes à Coleção Fundação Rockefeller.

Os dados foram coletados e registrados por meio fotográfico para posterior análise no Laboratório de Abordagens Científicas em História da Enfermagem e em domicílio.

TABELA 1. Pesquisa na Central de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery.

Dia	Horário	Caixas	Fichas
24 de março de 2017	8:30h às 10:30h	Caixa 100	01 a 08
28 de março de 2017	9:30h às 12:30h	Caixa 100	08 a 12
25 de abril de 2017	9:30h às 12h	Caixa 100	12 a 55
12 de maio de 2017	9:30h às 12h	Caixa 100.1	56 a 100
16 de maio de 2017	9:30h às 11:30h	Caixa 100.1	101 a 144
08 de agosto de 2017	10h às 14h	Caixas 100.1 e 100.2	145 a 198
14 de agosto de 2017	10h às 16h	Caixas A 01, 02, 03, 04 e 05 (Missão Parsons)	-

TABELA 2. Pesquisa na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Dia	Horário	Caixa	Fichas
25 de julho de 2017	10:30h às 14:30h	Caixas 1 e 2	01 a 90

Sendo assim, através desses documentos, realizei uma análise documental das escritas de margem que a enfermeira norte-americana Ethel Parsons realizava nos instrumentos de avaliação das candidatas a enfermeira visitadora, associando com os relatórios oficiais escritos por Parsons e enviados à Fundação Rockefeller, e relacionando aos estudos de Chartier, como "Inscrever e Apagar", publicado em 2006.

Para analisar o *corpus* documental, utilizamos os três princípios propostos por Roger Chartier, o primeiro princípio, os documentos foram delimitados através da forma como foram construídos os seus sentidos. Determinou-se a materialidade dos documentos, delimitando suas representações; contextualizações e apropriações. O segundo princípio, identificamos as imagens formadas pelos documentos e descrevemos as realidades representadas por eles e o terceiro passo, com uma análise sincrônica e dos documentos.

Os questionários das enfermeiras visitadoras foram separados em dois grupos distintos, o primeiro grupo são os instrumentos de avaliação com as anotações da enfermeira Ethel Parsons e o segundo grupo, dos instrumentos que não possuem anotações. Então descartou-se os instrumentos sem anotações da análise de dados, permanecendo 16 documentos do ano de 1922 e 57 de 1923, em um total de 73 documentos para análise.

Foi realizada uma matriz de análise, que se encontra para exemplificar no Apêndice 1, para melhor avaliação dos instrumentos com as seguintes variáveis: Nome; idade; frequentou escola; ocupação anterior; defeito físico; prática de nurse; escrita de margem; mês; e ano.

Para melhor analisar os dados, a primeira matriz de análise do ano de 1922 foi dividida em duas, as enfermeiras visitadoras que concluíram o curso e as que durante o curso foram eliminadas, ou seja, não tiveram sucesso. No Apêndice 2 e 3, podem ser avaliadas, respectivamente em inglês e português. A tradução da língua inglesa nestes documentos também foi realizada pela mestranda.

Já no ano de 1923, os dados analisados foram divididos em seis quadros, a primeira divisão foi entre as que entraram no curso e as que foram eliminadas na seleção. Então, foram divididos em três quadros, referente a atitude, aparência e outros. No Apêndice 4 e 5 estão descritas as escritas de margem de Parsons, em inglês e português respectivamente, com a tradução realizada pela mestranda.

Da mesma forma, os relatórios da Fundação Rockefeller estão todos escritos na língua inglesa e a tradução destes foi realizada pela mestranda. Durante o estudo, correlacionou-se as traduções com recortes da escrita em inglês, em imagens. Quando relacionado às escritas de margem, optou-se por colocar em português e caso necessário, verificar nos apêndices a versão em inglês.

Como fontes secundárias foi utilizado artigos científicos, dissertações de mestrado e livros que abordem o tema relativo à pesquisa.

4 TRAÇOS SOCIOCULTURAIS PRESENTE NO QUESTIONÁRIO PARA AS ENFERMEIRAS VISITADORAS

Em 1921, o então diretor do Serviço de Tuberculose, Plácido Barbosa, consultou o diretor-geral do International Health Board (IHB) no Brasil, sobre a possibilidade de instituir o serviço de enfermagem no Brasil, de forma organizada e oficial. Então, em janeiro de 1921 Wickliffe Rose enviou uma carta-convite a Ethel Parsons, que era então diretora do Bureau of Child Hygiene and Public Nursing da Secretaria de Saúde do Texas. Comunicava-lhe o interesse do governo brasileiro em criar um centro de treinamento para enfermeiras visitadoras no estado do Rio de Janeiro, em conexão com a Faculdade de Medicina sediada na capital. Com a volta de Plácido Barbosa dos Estados Unidos seriam tomadas as providências relativas à dotação orçamentária. (MOREIRA, 1999).

Em maio de 1921, Carlos Chagas, diretor do DNSP, formalizou com o IHB a cooperação com vistas ao desenvolvimento do serviço de enfermagem no país. Tendo recebido do presidente confirmação pessoal de apoio ao programa, Lewis Wendell Hackett decidiu cobrir, com recursos do IHB, as despesas com salários e treinamento das enfermeiras de saúde pública até que novo orçamento fosse reapresentado pelo Congresso e, sendo ele aprovado, se materializassem as verbas prometidas pelo governo brasileiro. (MOREIRA, 1999).

A viagem de Carlos Chagas aos EUA e os resultados dela oriundos também foram frutos da estreita relação que existia entre a Fundação Rockefeller e o representante máximo da Saúde Pública brasileira, no período 1920-1926. Paralelamente ao início do convênio, Chagas introduziu algumas modificações no Código Sanitário de 1920 e com isso, em 15 de setembro de 1921, autorizou a organização de um quadro de enfermeiras de Higiene. Esta última alteração possibilitou a ampliação do número de enfermeiras no campo da saúde pública a partir de 02 de setembro 1921, dia em que a enfermeira norte-americana Ethel Parsons aportou no Brasil. (MASCARENHAS, 2013).

Este fato demarcou o início da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, também conhecida como Missão Parsons, e o aprofundamento das relações políticas, econômicas e culturais estabelecidas entre o Estado brasileiro e os Estados Unidos da América. (MASCARENHAS, 2013).

Ethel Parsons, ao chegar no Distrito Federal, realizou uma análise da situação da saúde do Rio de Janeiro, enviando o primeiro relatório para a Fundação Rockefeller com análise do período de setembro de 1921 a abril de 1922. Em seu relatório, Parsons relata:

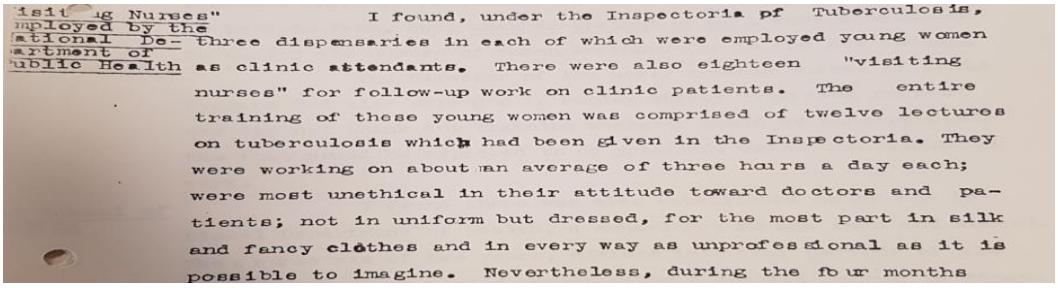

isit g Nurses" I found, under the Inspectoria pf Tuberculosis,
mployed by the three dispensaries in each of which were employed young women
ational De-
artment of as clinic attendants. There were also eighteen "visiting
ublic Health nurses" for follow-up work on clinic patients. The entire
training of these young women was comprised of twelve lectures
on tuberculosis which had been given in the Inspectoria. They
were working on about an average of three hours a day each;
were most unethical in their attitude toward doctors and pa-
tients; not in uniform but dressed, for the most part in silk
and fancy clothes and in every way as unprofessional as it is
possible to imagine. Nevertheless, during the four months

FIGURA 1. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

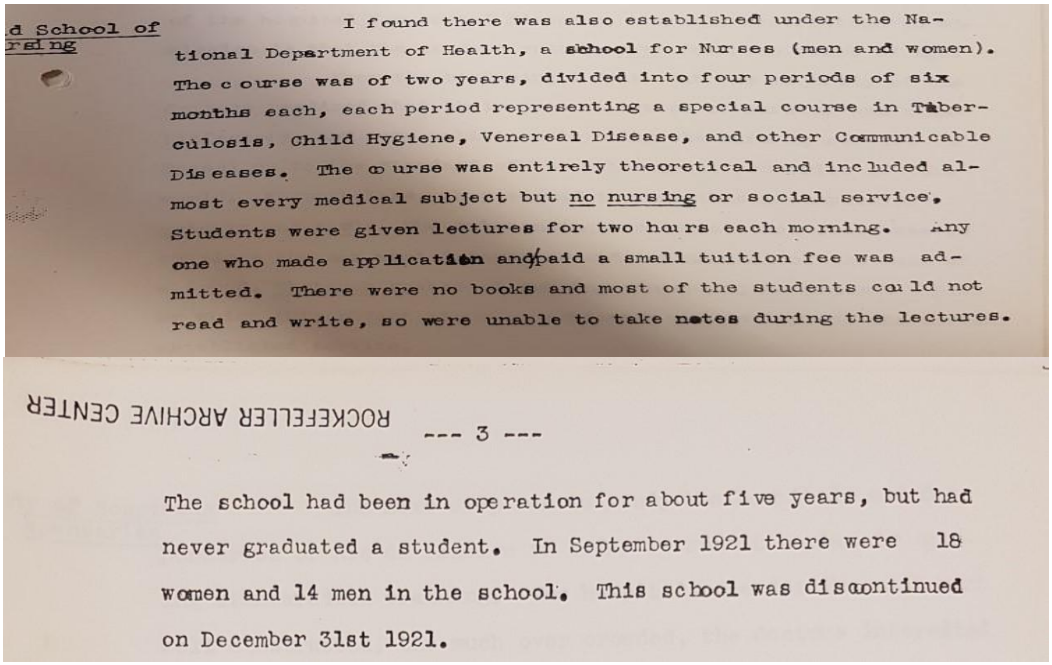
> Eu encontrei, sob a Inspetoria de Tuberculose, 3 dispensários sendo que em cada um estava empregado jovens mulheres como atendentes clínicas. Existiam também 18 “enfermeiras visitadoras” para acompanhamento clínico dos pacientes. Todo o treinamento dessas jovens mulheres compreendeu 12 palestras sobre tuberculose que foram dadas na Inspetoria. Elas estavam trabalhando em média 3 horas por dia, em sua maior parte eram antiéticas em suas atitudes com médicos e pacientes; não estavam vestidas em uniformes, a maioria estava com seda e roupas chiques e eram não profissionais em todas as formas imagináveis. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

No relato acima, observa-se a referência feita às atendentes clínicas, porém elas não são citadas novamente por Ethel Parsons em seus relatórios. Podemos ver também Parsons comentando sobre as enfermeiras visitadoras com o uso de aspas, indo de encontro ao fato que além de não concordar com a formação delas, atribuir o nome enfermeira para essas mulheres, era algo que a incomodava, visto que não queria atribuir a imagem das futuras enfermeiras de saúde pública a essas profissionais.

De acordo com Moreira (1999), veremos, à medida que ocorre a intervenção de Parsons, os documentos passam a mencionar a atuação de *health visitors* — visitadoras de saúde — estabelecendo assim mais uma demarcação com a realidade que se queria superar.

Segundo Mascarenhas (2013), esta substituição significa a demarcação inicial de um símbolo que distinguisse as trabalhadoras sem formação adequada das futuras profissionais, as enfermeiras modernas, que seriam reconhecidas por seleção, formação escolar e por códigos de exercício profissional baseados em padrões científicos e vocacionais.

Além disso, Fontenelle em seu discurso afirma que: “Realmente não se cuidou, com seriedade, da instrução especializada das visitadoras que necessitam de continuado ensino teórico e prático, feito por verdadeiros técnicos da saúde pública e habilitados professores”. (FONTENELLE, 1941). Observa-se, que mesmo a princípio sendo contra a formação de enfermeiras de saúde pública, Fontenelle assumia que a instrução das enfermeiras visitadoras foi elementar. Assim, pode-se relacionar a qualidade do curso de enfermeiras visitadoras oferecidos pelos sanitaristas com o relato de Parsons (1922):



d School of
reding

I found there was also established under the National Department of Health, a school for Nurses (men and women). The course was of two years, divided into four periods of six months each, each period representing a special course in Tuberculosis, Child Hygiene, Venereal Disease, and other Communicable Diseases. The course was entirely theoretical and included almost every medical subject but no nursing or social service. Students were given lectures for two hours each morning. Any one who made application and paid a small tuition fee was admitted. There were no books and most of the students could not read and write, so were unable to take notes during the lectures.

ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER

--- 3 ---

The school had been in operation for about five years, but had never graduated a student. In September 1921 there were 18 women and 14 men in the school. This school was discontinued on December 31st 1921.

FIGURAS 2 e 3. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> "Encontrei também estabelecido no DNSP, uma escola de enfermeiros (homens e mulheres). [...] O curso era totalmente teórico e estava incluído basicamente assuntos médicos, mas nada de enfermagem ou serviço social. [...] Qualquer um que tenha feito pedido e tenha pago uma pequena taxa estava admitido. Não havia livros e a maioria dos estudantes não sabia ler ou escrever, então não conseguiam tirar notas durante as aulas. A escola esteve funcionando por aproximadamente cinco anos, mas nunca graduou um estudante. Em setembro de 1921 havia 18 mulheres e 14 homens na escola. A escola foi fechada em 31 de dezembro de 1921. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Neste parágrafo, Parsons relata, dentre outras coisas, sobre a admissão, onde somente o pagamento de uma taxa era suficiente, algo que iria mudar tanto para o curso de enfermeiras visitadoras, quanto para a Escola de Enfermeiras do DNSP, a ser fundada em 1923, onde o grau de exigência para ser admitido era alto e em alguns momentos, elitista e preconceituoso. Observa-se também a presença de homens realizando o curso.

Além disso, para José P. Fontenelle (1941), as enfermeiras visitadoras eram consideradas tarefistas para os médicos, profissionais subalternas, como pode ser observado na sua fala a seguir:

> Um dos mais importantes frutos da viagem de Carlos Chagas aos Estados Unidos foi a verificação do imenso valor das enfermeiras de Higiene, para os trabalhos de Saúde Pública, e a decisão trazida de ampliar muito o serviço iniciado, aumentando o quadro dessas subalternas e assegurando de melhor modo sua instrução técnica. (AYRES, 2012, p. 865).

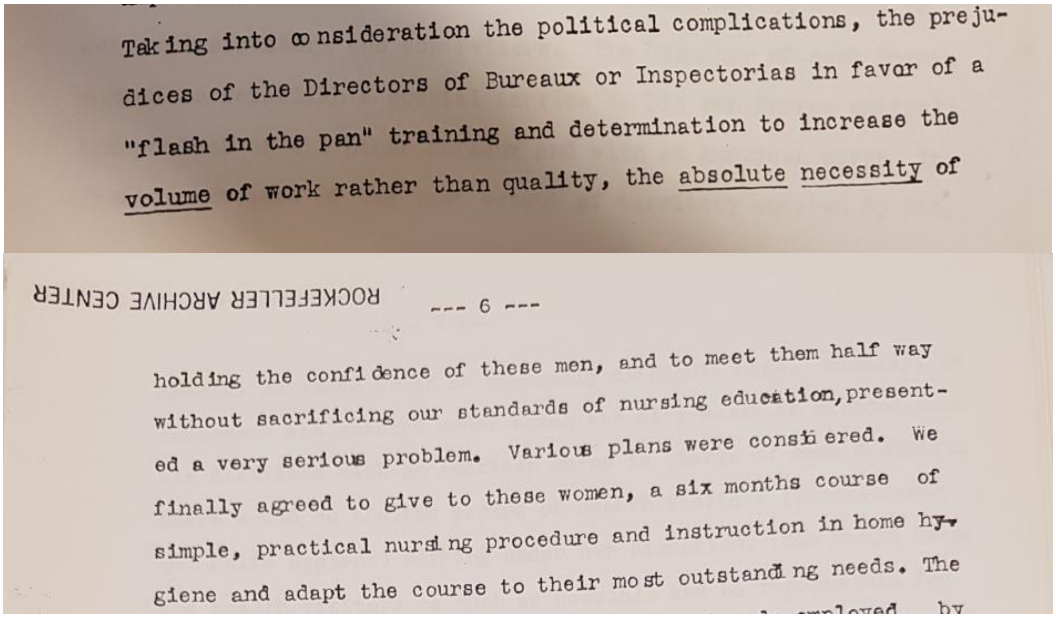
De acordo com Ayres (2010), os sanitaristas começaram a perceber outros modelos que utilizavam as mulheres na visita domiciliar, já observando que a presença do sexo masculino para realizar a visita domiciliar não seria a melhor escolha. E, de acordo com as características do gênero feminino, elas se enquadravam melhor nessa função. O próprio J.P. Fontenelle (1941) afirma: "[...] a atividade das enfermeiras da saúde pública, que são essas visitadoras, aproveita as vantagens físicas e morais do sexo feminino, desdobrando-se por toda a coletividade".

Sauthier e Barreira (1999, p. 80) relatam que Parsons teve a perseverança de missionária, abatendo os obstáculos, conquistando a classe médica, que ainda desejava entregar a enfermeira alguma coisa além de injeções. Para isso, Ethel Parsons também contou com o poder que a Fundação Rockefeller a conferia, com o financiamento em dólares e a não subordinação aos médicos brasileiros, além da equipe de enfermeiras selecionadas para realizar o empreendimento.

Pelo que pode ser observado, Ethel Parsons era exigente no padrão de suas alunas, na postura, vestimenta e boa educação, algo que viria a ser cobrado em seus futuros cursos. Além disso, ela relata a expectativa que tinha dos médicos no Brasil, acreditava que eram ambiciosos e desejavam melhorias, porém a realidade foi um pouco diferente, "aparentavam querer essa missão cumprida de forma rápida e fácil", enquanto ela acreditava num sistema completo de educação de enfermagem. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Entretanto, ao se pensar em suas atribuições, o trabalho da enfermeira visitadora era estratégico e utilitário, pois além de permitir que as ações formuladas pela elite médica chegassem nos domicílios, atendia as demandas imediatas impostas pelo início da reforma sanitária no controle das doenças transmissíveis prevalentes na época. (MASCARENHAS, 2013).

Ethel Parsons demonstra, como citado anteriormente, que era contra o curso de enfermeiras visitadoras, mas considerando a necessidade do Rio de Janeiro e a pressão que sofreu dos médicos sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde Pública, chegaram ao acordo de oferecer o curso em caráter de emergência para essas moças, porém não mais sendo chamadas pelo nome de enfermeiras visitadoras, mas sim de "*health visitors*", traduzindo-se para visitadoras de saúde, ou visitadoras de hygiene, termo utilizado por Fontenelle em seus discursos.



Taking into consideration the political complications, the prejudices of the Directors of Bureaux or Inspectorias in favor of a "flash in the pan" training and determination to increase the volume of work rather than quality, the absolute necessity of

ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER

holding the confidence of these men, and to meet them half way without sacrificing our standards of nursing education, presented a very serious problem. Various plans were considered. We finally agreed to give to these women, a six months course of simple, practical nursing procedure and instruction in home hygiene and adapt the course to their most outstanding needs. The

FIGURAS 4 e 5. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Levando em consideração as complicações políticas, o preconceito dos diretores das inspetorias em favor de um treinamento "fogo de palha" e determinados em aumentar o volume das trabalhadoras, e não a qualidade, a absoluta necessidade de manter a confiança desses homens, para encontrar o caminho sem sacrificar nossos padrões na educação da enfermagem, tínhamos um sério problema. Vários planos foram considerados. Finalmente chegamos ao acordo de dar a essas mulheres, um curso de seis meses de simples e prática de procedimentos de enfermagem e instrução de higiene doméstica e adaptar o curso de acordo com as mais excepcionais necessidades. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Na luta das representações, tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social (CHARTIER, 1990). Nesse momento, pode-se observar a luta de representações de Ethel Parsons com os médicos sanitaristas, como José Paranhos Fontenelle, onde Parsons queria formar profissionais de alta qualidade, as enfermeiras de saúde pública, os médicos queriam um profissional subalterno e submisso, que estivesse atuando o mais rápido possível e Carlos Chagas, que almejava o sucesso da reforma sanitária.

Então, cedendo à pressão da elite médica brasileira, Parsons optou por iniciar o curso de emergência de 6 meses, agora não mais para enfermeiras visitadoras, mas com a nomenclatura de visitadoras de hygiene. Ela relata que os médicos estavam ansiosos pela quantidade, mas não pela qualidade das profissionais, com o exemplo do início do seu relatório onde diz que as inspetorias iriam contratar mais 30 mulheres para o trabalho, porém sem instrução alguma. Este é um ponto que Ethel Parsons não cedeu, chegando ao consenso que enquanto as enfermeiras de saúde pública estariam se formando, as visitadoras de hygiene estariam trabalhando, suprindo essa demanda imediata.

Vale ressaltar que o principal crítico da Missão era também o maior defensor da ideia das visitadoras, José Paranhos Fontenelle, que baseava sua prática profissional como inspetor de higiene, ocasião em que visitava as casas do centro da cidade. O diretor da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, Plácido Barbosa, auxiliado por Fontenelle, seu assistente, e demais médicos da inspetoria, haviam procurado criar um corpo provisório de enfermeiras visitadoras. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

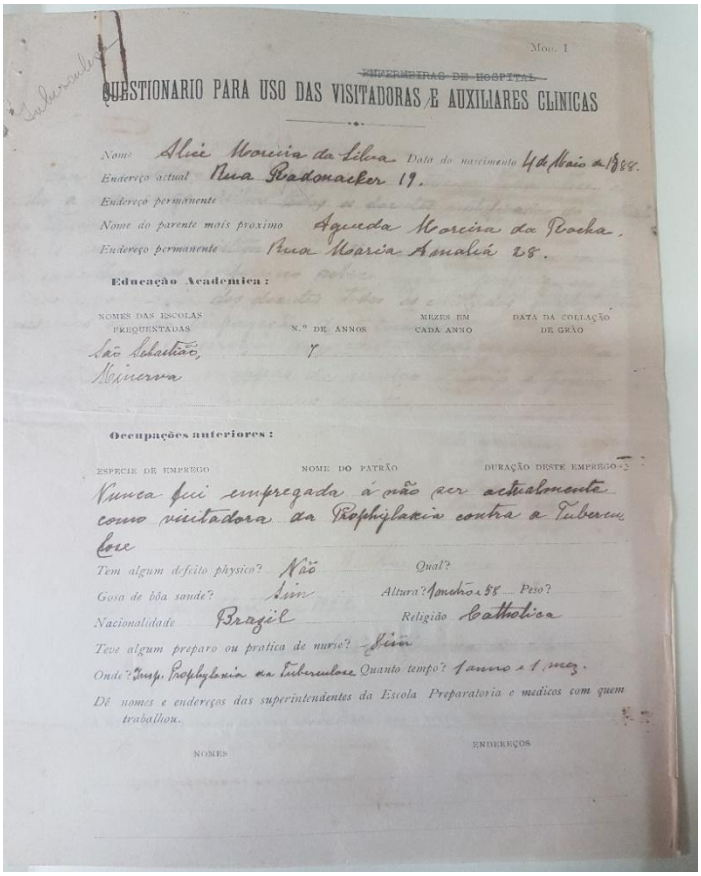
Considerando o conceito de representação proposto por Chartier (1990) onde: "[...] as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real [...]", podemos associar a preocupação de Ethel Parsons com a imagem (representação) das enfermeiras de saúde pública, que para ela, poderia vir a ser representada para os sanitaristas como uma profissional subalterna.

O curso ministrado emergencialmente para complementar a formação das 40 visitadoras de higiene, iniciou em 24 de abril de 1922 e teve por objetivo oferecer "[...] pequenas noções a essas moças, criando-se um serviço mais uniforme, não as preparando, no entretanto, para prestarem os serviços de elevado padrão, que eram desejados". (PARSONS, 1927, p. 205, apud MASCARENHAS, 2013). Importante ressaltar, que as enfermeiras visitadoras não poderiam assumir posições de responsabilidade e deveriam trabalhar sob a supervisão de uma enfermeira diplomada.

Diferente da imagem das enfermeiras visitadoras, Mascarenhas (2013) relata que a implantação de um novo modelo de enfermeira nos anos 1920, pelas enfermeiras norte-americanas, engendrou um processo de luta simbólica cujo objetivo era desconstruir preconceitos e criar outra imagem e identidade para a enfermeira brasileira no campo da saúde pública.

Parsons definiu critérios para as moças iniciarem o curso de emergência de 6 meses: "Só serão admitidas estudantes que já estejam empregadas pelo DNSP; todas as enfermeiras visitadoras empregadas pelo DNSP precisam fazer este curso". (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Para entrar no curso de enfermeiras visitadoras era necessário preencher o questionário intitulado: "Questionários para uso das Visitadoras e Auxiliares Clínicas" ou "Inscripção para a Escola Preparatoria de Nurses S. Francisco de Assis". Apesar da titulação diferente, ambos possuem as mesmas perguntas.



Mod. I

~~ENFERMEIRAS DE HOSPITAL~~

QUESTIONARIO PARA USO DAS VISITADORAS E AUXILIARES CLINICAS

Nome Alice Marcia da Silva Data do nascimento 4 de Maio de 1888.

Endereço actual Rua Radomacker 19.

Endereço permanente

Nome do parente mais proximo Agueda Marcia da Rocha.

Endereço permanente Rua Maria Amalia 28.

Educação Academica:

NOMES DAS ESCOLAS FREQUENTADAS	N.º DE ANNOS	MEZES EM CADA ANNO	DATA DA COLLAÇÃO DE GRÃO
São Sebastião, Minerva	7		

Occupações anteriores:

ESPECIE DE EMPREGO	NOME DO PATRÃO	DURAÇÃO DESTE EMPREGO
Nunca fui empregada á não ser actualmente como visitadora da Prophylaxia contra a Tuberculose		

Tem algum defeito physico? Não Qual?

Gosa de bôa saude? Sim Altura? 1 metro e 58 Peso?

Nacionalidade Brazil Religião Catholica

Teve algum preparo ou pratica de nurse? Sim

Onde? Emp. Prophylaxia da Tuberculose Quanto tempo? 1 anno e 1 mez.

Dê nomes e endereços das superintendentes da Escola Preparatoria e medicos com quem trabalhou.

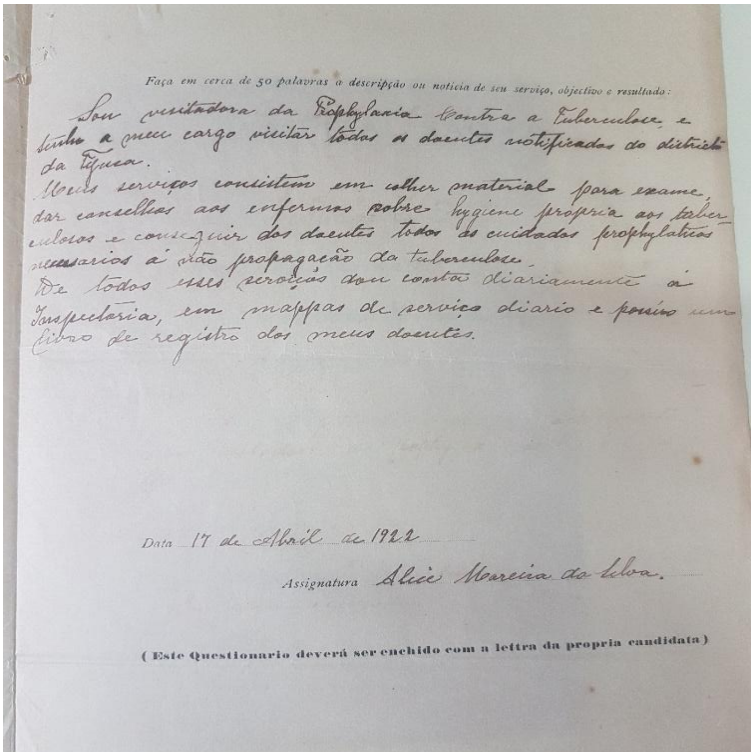
NOMES	ENDEREÇOS

FIGURA 6. Fac-símiles Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Observa-se a materialidade do questionário como um documento estruturado, impresso à gráfica, constituindo documento oficial, folha de papel tamanho correspondente ao A4. Era entregue às candidatas ao curso de enfermeiras visitadoras no momento da seleção. No ano de 1922, esta seleção ocorreu somente com as moças que haviam realizado o curso de enfermeiras visitadoras de José Paranhos Fontenelle, em 1920, que já estavam empregadas pelo Departamento.

A estrutura do questionário se inicia com perguntas pessoais, como nome, data de nascimento e residência, segue-se para educação acadêmica, ocupações anteriores, e mais uma sequência de perguntas pessoais, porém aqui deseja-se saber da saúde, peso, altura, e por último, na primeira página, é solicitado que liste médicos ou pessoas da superintendência com quem já trabalhou.

Na segunda página do questionário é solicitado a candidata que "[...] faça em cerca de 50 palavras a descripção ou noticia de seu serviço, objectivo e resultado, com data e assinatura no final" e a observação que "Este questionario deverá ser enchido com a lettra da propria candidata". Os questionários eram preenchidos a caneta e pelas próprias candidatas e assinados e datados por estas no fim da página.



Faça em cerca de 50 palavras a descripção ou noticia de seu serviço, objectivo e resultado:

Sou visitadora da Prophylaxia contra a Tuberculose e tenho a meu cargo visitar todos os doentes notificados do districto da Tijuca.

Meus serviços consistem em colher material para exame, dar cuspelhas aos enfermos sobre hygiene propria aos tuberculosos e conseguir dos doentes todos os cuidados prophylaticos necessarios á não propagação da tuberculose.

De todos esses serviços dou contas diariamente á Inspectoria, em mappas de serviços diario e possuo um livro de registro dos meus doentes.

Data 17 de Abril de 1922

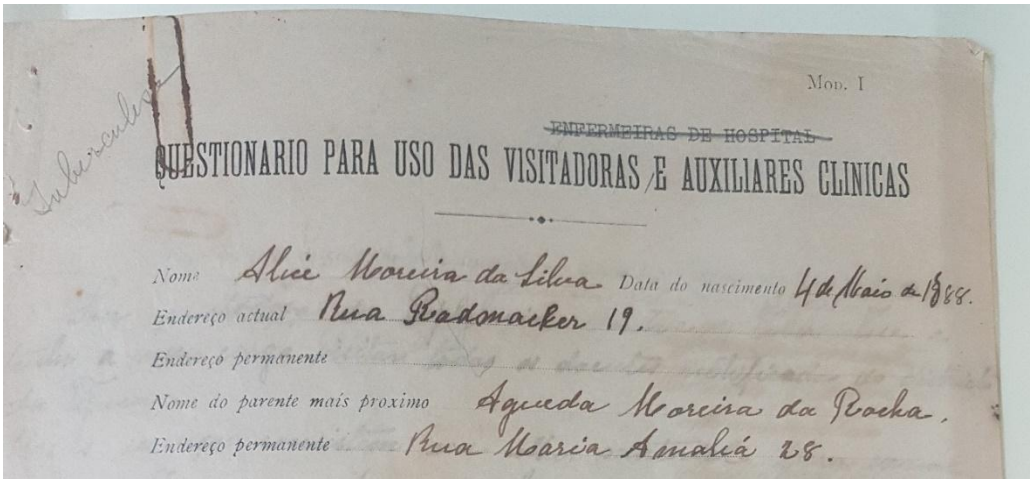
Assignatura Alice Marcia da Silva.

(Este Questionario deverá ser enchido com a lettra da propria candidata)

FIGURA 7. Fac-símiles Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Não foram encontrados relatos sobre quem aplicava os questionários, porém pelas escritas às margens, infere-se que Ethel Parsons realizava a análise deles, pois essas escritas em sua maioria eram realizadas em inglês e no fim as iniciais de Parsons (ESP) podem ser observadas. Como Parsons tinha uma equipe de enfermeiras norte-americanas a apoiando, então se pode inferir que elas a ajudaram nesse momento da seleção.

Após o título do questionário, inicia-se as perguntas pessoais como “Nome”, “Data do nascimento”, Endereço actual”, “Endereço permanente”, “Nome do parente mais próximo”, “Endereço permanente”.



Mod. I

~~ENFERMEIRAS DE HOSPITAES~~

QUESTIONARIO PARA USO DAS VISITADORAS E AUXILIARES CLINICAS

Nome Alice Moreira da Silva Data do nascimento 4 de Maio de 1888.

Endereço actual Rua Radonacker 19.

Endereço permanente

Nome do parente mais proximo Agueda Moreira da Rocha.

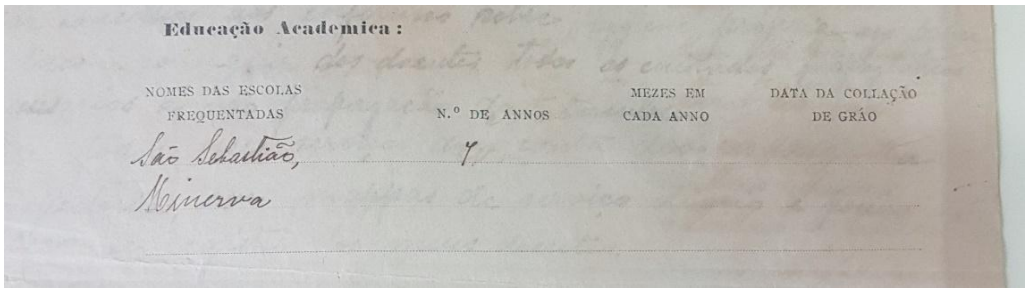
Endereço permanente Rua Maria Amalia 28.

FIGURA 8. Fac-símiles Perguntas iniciais do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Infere-se que o objetivo dessas perguntas era conhecer a procedência da candidata, além da sua idade. Há relatos de dispensa de candidatas que eram muito novas para o cargo. Ao perguntar sobre parentes próximos, pode-se deduzir que poderia ser necessário um contato, em caso de emergência, além de também conhecer as candidatas com parentesco dentro do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Além disso, no apelo às moças brasileiras, onde Parsons e Chagas anunciam a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, há a descrição dos requisitos necessários para ser aluna da escola, sendo um deles ter idade entre 20 e 35 anos. (MASCARENHAS, 2013). Como Parsons posteriormente demonstra interesse em reaproveitar essas moças para se formarem como enfermeiras de saúde pública, pode-se dizer que estava visando as mesmas características ao selecionar as enfermeiras visitadoras.

Então, segue-se para as perguntas sobre a "Educação Acadêmica", com "nomes das escolas frequentadas", "N.º de annos", "Mezes em cada anno" e "Data da collação de gráo".

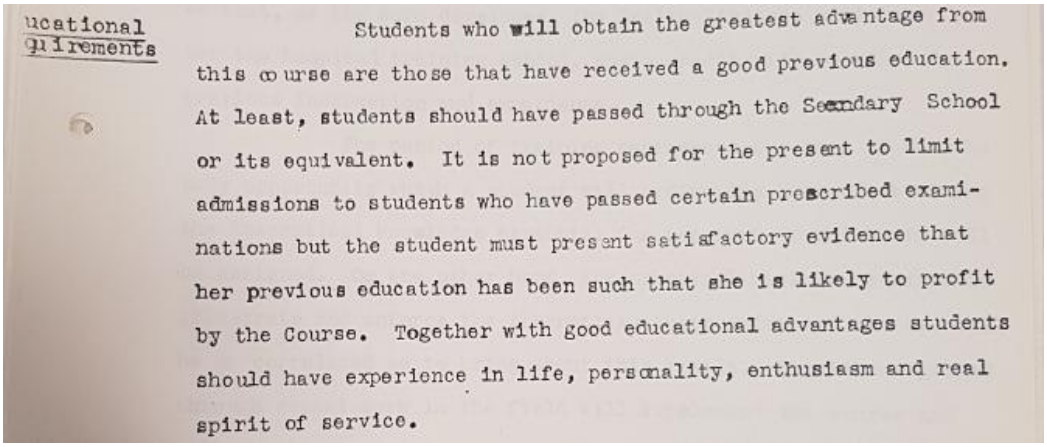


Educação Academica:

NOMES DAS ESCOLAS FREQUENTADAS	N.º DE ANNOS	MEZES EM CADA ANNO	DATA DA COLLAÇÃO DE GRÁO
São Sebastião, Minerva	4		

FIGURA 9. Fac-símiles Perguntas Educação Acadêmica do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Na década de 1920, grande parte da população brasileira era analfabeta, dos 1.157.873 habitantes, cerca de 38% eram iletrados. O sistema educacional do país procurava dar, pelo menos, instrução primária a uma parte da população, o preparo profissional ficava reservado a uma elite que podia frequentar escolas particulares, existentes em maior número. (CARVALHO, 1976). Considerando que Ethel Parsons desejava qualificar a mão de obra, saber ler e escrever bem, interpretar o que está sendo lido e ter frequentado uma boa escola poderia ser um fator decisivo na escolha, informação que pode ser confirmada de acordo com o que Parsons cita em seu relatório:


ucational
quirements

Students who will obtain the greatest advantage from this course are those that have received a good previous education. At least, students should have passed through the Secondary School or its equivalent. It is not proposed for the present to limit admissions to students who have passed certain prescribed examinations but the student must present satisfactory evidence that her previous education has been such that she is likely to profit by the Course. Together with good educational advantages students should have experience in life, personality, enthusiasm and real spirit of service.

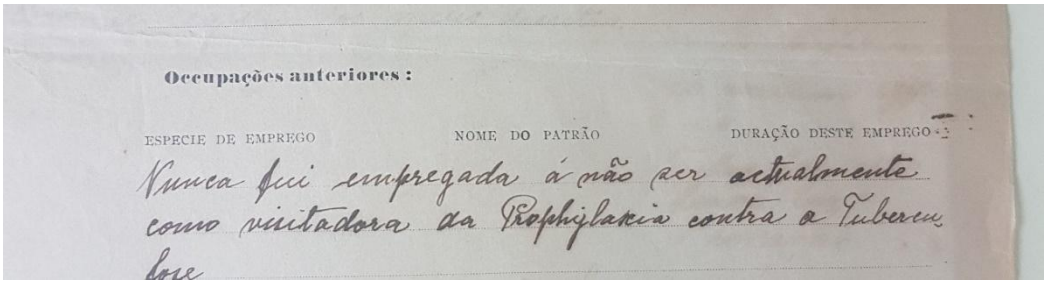
FIGURA 10. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Estudantes que obterão a maior vantagem nesse curso são aquelas que receberam uma educação prévia boa. Pelo menos, estudantes tem que ter passado pela escola secundária ou equivalente. Não é proposto no atual momento limitar a admissão de estudantes que já tenham passado por exames, mas a estudante tem que apresentar uma evidência satisfatória que sua educação prévia foi o suficiente para continuar nesse curso. Juntos com a vantagem educacional, estudantes deverão ter experiência de vida, personalidade, entusiasmo e verdadeiro espírito de servir. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

De acordo com Carvalho (1976), na década de 1920, a elite que conseguia ter acesso a escolas particulares, o sexo masculino deveria seguir uma carreira, enquanto às mulheres ficava reservado certo preparo acadêmico e muito boa formação para o lar. Apesar dessa situação ser aceita pela sociedade da época, já se observava mudança de atitudes pelas mulheres, que já buscavam também um lugar nas universidades, comércio e campo profissional. Com isso, acredita-se que a oportunidade de seguir uma carreira como visitadora era algo reservado a uma elite que teve acesso a uma educação primária, considerando o movimento feminista da década de 1920 e foi uma grande oportunidade ao sexo feminino.

Sauthier e Barreira (1999, p.1 e p.75), afirmam que apesar das limitações impostas à mulher brasileira à época, a enfermagem representou uma importante contribuição para a emancipação da mulher na sociedade, numa época em que a única opção para essas "moças" era o magistério primário. O privilégio de estudar era de poucas, das mais ousadas, das ricas, daquelas que não necessitavam trabalhar para sobreviver. Somente as moças de famílias abastadas recebiam alguma instrução.

Abaixo da "Educação Acadêmica", se iniciam as perguntas sobre "Occupações anteriores", onde se questiona "especie de emprego", "nome do patrão" e "duração deste emprego". Em uma análise inicial, foi observado que a maioria das candidatas nunca haviam trabalhado. Como dito anteriormente, a maioria das mulheres ainda não trabalhavam, então fazer o curso para enfermeiras visitadoras teria sido uma oportunidade e porta de entrada para uma profissão.


Occupações anteriores:

ESPECIE DE EMPREGO | NOME DO PATRÃO | DURAÇÃO DESTE EMPREGO

Nunca fui empregada á não ser actualmente como visitadora da Prophylaxia contra a Tuberculose

FIGURA 11. Fac-símiles Perguntas Occupações Anteriores do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Então se inicia uma série de outras perguntas pessoais, como "tem algum defeito physico? Qual?", "Gosa de bôa saude?", "Altura", "Peso", "Nacionalidade", "Religião", "Teve algum preparo ou pratica de nurse?", "Onde?", "Quanto tempo?", "Dê nomes e endereços das superintendentes da Escola Prepatoria e médicos com quem trabalhou", seguido de "Nomes" e "Endereços".

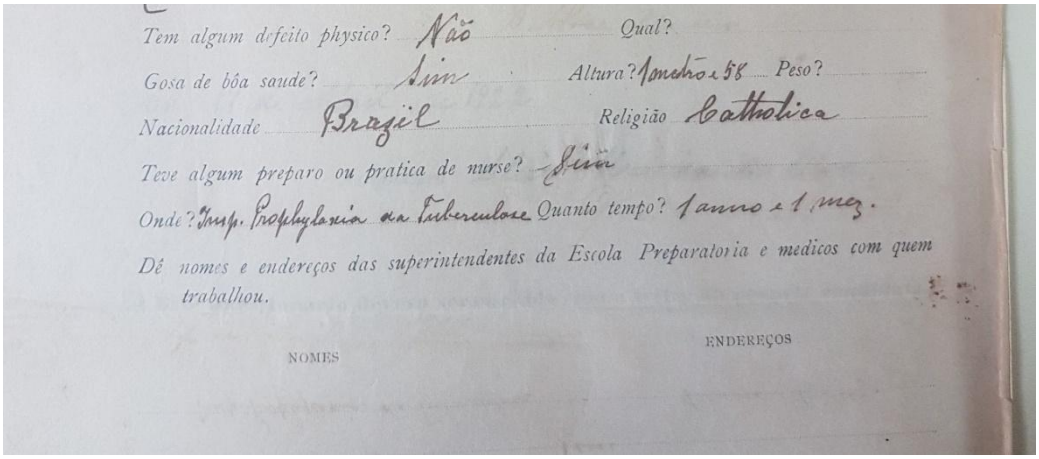

Tem algum defeito physico? Não Qual?
Gosa de bóa saude? Sim Altura? 1 metro e 58 Peso?
Nacionalidade Brazil Religião Catholica
Teve algum preparo ou pratica de nurse? Sim
Onde? Insp. Prophylaxia da Tuberculose Quanto tempo? 1 anno e 1 mez.
Dê nomes e endereços das superintendentes da Escola Preparatoria e medicos com quem trabalhou.
NOMES ENDEREÇOS

FIGURA 12. Fac-símiles Perguntas Finais do Questionário para uso das visitadoras e auxiliares clínicas.

Observa-se neste recorte do questionário o interesse em se admitir uma aluna com boa saúde e sem defeitos físicos, porém, mesmo com esse cuidado de Parsons, foram encontrados relatos de estudantes que foram dispensadas do serviço por questões de saúde. Além disso, existe também a preocupação com a experiência anterior das candidatas, ao se perguntar sobre a prática de "nurse".

Para a seleção das enfermeiras de saúde pública, Santos (1998), relata que as candidatas tinham que preencher uma ficha de inscrição, onde eram abordados tópicos sobre as condições físicas e de saúde. O processo de seleção incluía ainda um exame médico minucioso para comprovar as condições de saúde da candidata, além da anamnese sobre doenças atuais; procedia-se à inspeção e avaliação direta de sinais e sintomas, bem como à análise laboratorial.

Além disso, Parsons afirma que: "estudantes precisam gozar de boa saúde, e não ter defeitos físicos que atrapalhem os seus deveres". (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Este final do questionário parece ser de suma importância para avaliação da candidata, considerando o nível das perguntas, como saúde da candidata, peso e altura. Infere-se que era desejável naquele momento uma candidata saudável, com peso ideal. Além disso, havia a pergunta sobre sua religião, e nome de médicos com quem já trabalhou o que se pode inferir que ter tido experiência junto com os sanitaristas poderia ser decisivo naquele momento para entrar no curso.

Uma circunstância que certamente exigiu adaptações na filosofia do curso era a de que, embora a grande maioria das alunas fossem católicas, suas professoras, ou seja, as enfermeiras da Missão eram protestantes. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

Na segunda página do questionário, a candidata precisava escrever a notícia ou descrição do seu serviço em 50 palavras, com o objetivo e resultado. Acredita-se que esta pequena redação realizada pelas candidatas era de suma importância para avaliação do domínio da língua portuguesa, coesão e coerência textual, além de avaliar se elas sabiam quais funções viriam a exercer, para posterior análise por Parsons. Ao fim, é solicitada assinatura e data.

Como dito anteriormente, não foi encontrado relatos de quem aplicava os questionários e nem como era realizada essa avaliação por Parsons. Acredita-se que a própria Ethel Parsons estava presente no momento em que as candidatas preenchiam o questionário, visto que as escritas de margens podem ser comparadas com os *librillos de memoria* citados por Chartier (2006), em sua obra "Inscrever e Apagar":

> Apagável, reutilizável, o *librillo de memoria* é o palimpsesto dos contemporâneos. [...] Os 'rascunhos' das cartas de Lucinda, ardentes depois desesperadas, podem ter sido escritos e reescritos sobre páginas cobertas por um verniz que permita arrependimentos, rasuras e retoques. (CHARTIER, 2006, p. 75).

Acredita-se que Parsons realizava as escritas de margens com o objetivo de ao visualizar as fichas novamente, poder recordar das candidatas avaliadas, da mesma forma que os *librillos de memoria* descritos por Chartier, e assim, selecionar melhor a candidata para entrar no curso de enfermeiras visitadoras.

Santos (1998) relata que para a seleção das enfermeiras de saúde pública havia uma entrevista individual, onde era avaliada a aparência pessoal da candidata e o refinamento de seus modos. De acordo com os documentos analisados, infere-se que a seleção das moças candidatas ao curso de enfermeiras visitadoras também passava por um processo de entrevista com Parsons e sua equipe.

Com isso, após análise do questionário, pode-se concluir que as fichas aplicadas às candidatas ao curso de enfermeiras visitadoras tinham o objetivo de ser avaliadas por Ethel Parsons, para refinamento da seleção das candidatas. Acredita-se que nesta avaliação, Parsons contou com o apoio da sua equipe de enfermeiras norte-americanas, para selecionar as melhores candidatas e aprimorar a qualidade do curso.

De acordo com Carvalho (2005), na luta das representações nas quais existem imposições e lutas pelo monopólio da visão legítima do mundo social; as representações não se opõem ao real, elas se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social.

Então, nesse momento, mesmo Ethel Parsons sendo a princípio contra o curso de emergência de enfermeiras visitadoras, assume o curso, com uma proposta de qualificar o máximo possível essas mulheres para que estas não atrapalhassem a futura representação das enfermeiras de saúde pública.

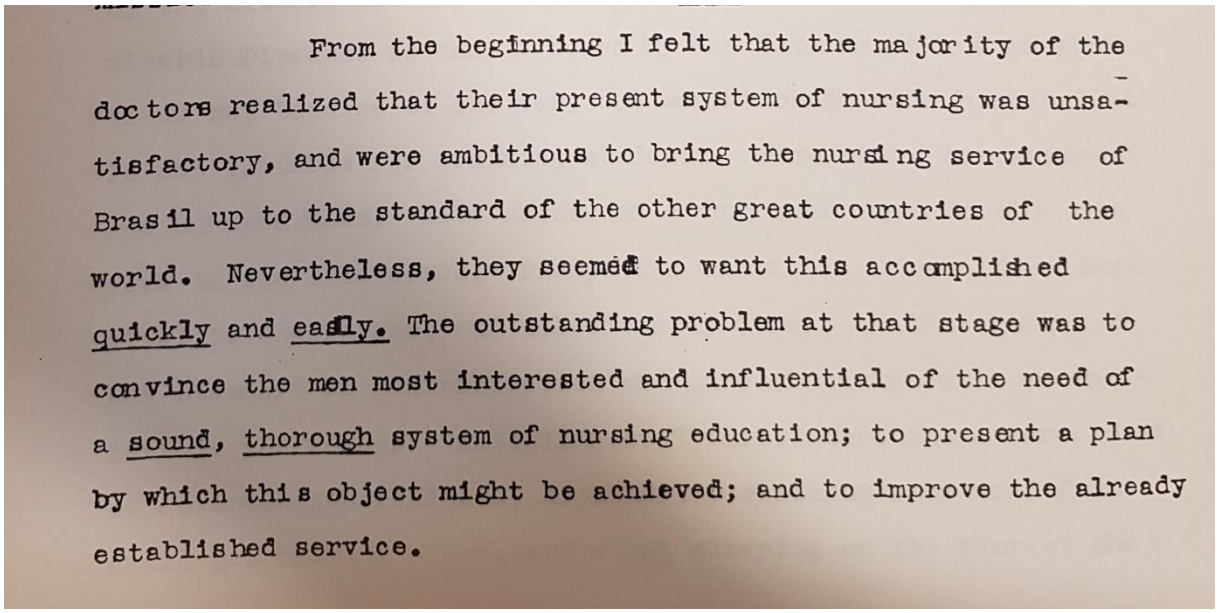
A luta das representações entre Ethel Parsons, os médicos sanitaristas e Carlos Chagas, foi culminada quando Parsons desenvolveu o curso de emergência de 10 meses, com a proposta de aproveitar essas alunas para entrar na Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública. Dessa forma, ela conseguiu conciliar seu interesse, sem deixar de cumprir com a pressão “fogo de palha” dos sanitaristas, sem atrapalhar a imagem das futuras enfermeiras de saúde pública e o sucesso da reforma sanitária.

5 A INSCRIÇÃO PARA A ESCOLA PREPATÓRIA DE NURSES NO ANO DE 1922

Nesta seção se procederá em discorrer sobre a estética dos questionários preenchidos pelas candidatas ao curso de enfermeiras visitadoras no ano de 1922 e as escritas de margens da enfermeira norte-americana Ethel Parsons nesta primeira turma.

Tanto para o curso de emergência de 6 meses, em 1922, quanto para o curso de 10 meses que ocorreu em 1923, as candidatas precisavam preencher o questionário.

Ethel Parsons informa no relatório enviado a Fundação Rockefeller referente ao período de setembro de 1921 a abril de 1922 que esperava mais dos sanitaristas brasileiros, visto que acreditava que o motivo dela ter vindo ao Brasil era para construir uma educação de enfermagem de qualidade. Observa-se este fato no trecho a seguir do relatório:



From the beginning I felt that the majority of the doctors realized that their present system of nursing was unsatisfactory, and were ambitious to bring the nursing service of Brasil up to the standard of the other great countries of the world. Nevertheless, they seemed to want this accomplished quickly and easily. The outstanding problem at that stage was to convince the men most interested and influential of the need of a sound, thorough system of nursing education; to present a plan by which this object might be achieved; and to improve the already established service.

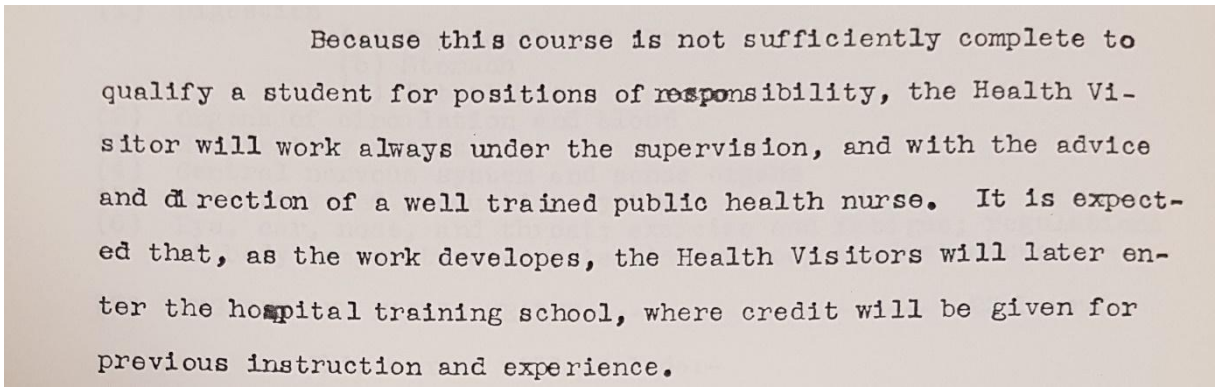
FIGURA 13. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> No início, acreditei que a maioria dos médicos haviam realizado que o presente sistema de enfermagem deles era insatisfatório, e, ambiciosamente trouxeram o serviço de enfermeiras para o Brasil para alcançar o padrão de outros grandes países no mundo. Mesmo assim, aparentavam querer essa missão cumprida de forma rápida e fácil. O grande problema nessa altura era convencer os homens mais interessados e influentes a necessidade de um sistema completo de educação de enfermagem; para apresentar um plano onde esse objeto possa ser encontrado; e improvisar com o já estabelecido serviço. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Infere-se que Parsons além de esperar mais dos sanitaristas, já começava a pensar em um plano em como conciliar os dois interesses, sem deixar de lado seu principal objetivo, o de

formar enfermeiras qualificadas de saúde pública. Aqui pode ser observada a luta de representações entre Ethel Parsons, que queria concluir seu objetivo e formar enfermeiras de saúde pública, e dos sanitaristas, que queriam tarefistas para realizar alguns trabalhos que consideravam mais subalternos, como a visita domiciliar por exemplo.

Além disso, Parsons informa no relatório de 15 de abril de 1922, que o curso de emergência de 6 meses para enfermeiras visitadoras não seria completo o suficiente, então estas não poderiam assumir posições de liderança, ficando submissas às enfermeiras norte-americanas que estavam chegando ao Brasil.



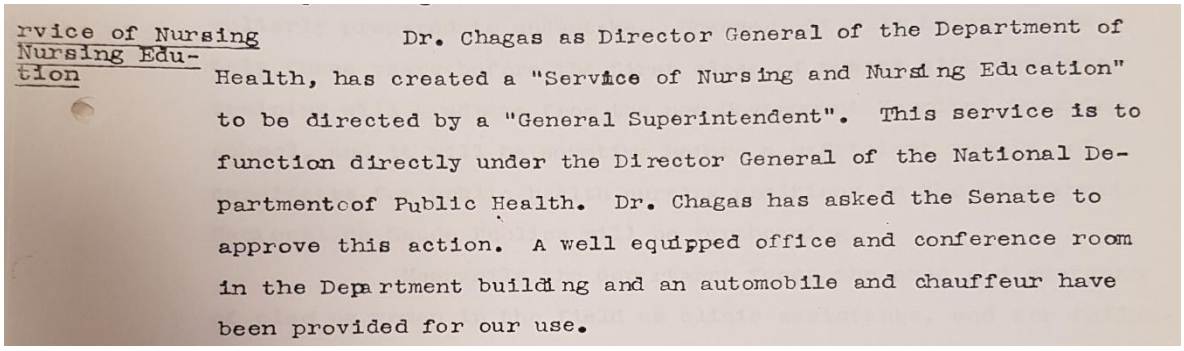
Because this course is not sufficiently complete to qualify a student for positions of responsibility, the Health Visitor will work always under the supervision, and with the advice and direction of a well trained public health nurse. It is expected that, as the work developes, the Health Visitors will later enter the hospital training school, where credit will be given for previous instruction and experience.

FIGURA 14. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Como esse curso não é completo o suficiente para qualificar as alunas para posições de responsabilidade, as visitadoras de saúde trabalharão sob supervisão, e com o conselho e instrução de uma boa enfermeira de saúde pública. É esperado que conforme o trabalho avance, as visitadoras de saúde irão posteriormente entrar no hospital escola, onde será fornecido créditos de instrução e conhecimento prévio. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Em 1922 houve também a criação do Serviço de Enfermeiras do DNSP. A implantação deste Serviço significou a centralização do comando do campo que começaria a ser implantado no Brasil (a enfermagem moderna/enfermeira de saúde pública) e a ampliação do controle estatal e médico sobre o processo de inserção da enfermeira no campo da saúde pública. No âmbito do DNSP, o Serviço de Enfermeiras tinha o mesmo nível hierárquico das demais inspetorias do DNSP. (MASCARENHAS, 2016).

Parsons informou este fato em seu relatório enviado à Fundação Rockefeller referente ao período de setembro de 1921 a abril de 1922.



rvice of Nursing
Nursing Edu-
tion

Dr. Chagas as Director General of the Department of Health, has created a "Service of Nursing and Nursing Education" to be directed by a "General Superintendent". This service is to function directly under the Director General of the National Department of Public Health. Dr. Chagas has asked the Senate to approve this action. A well equipped office and conference room in the Department building and an automobile and chauffeur have been provided for our use.

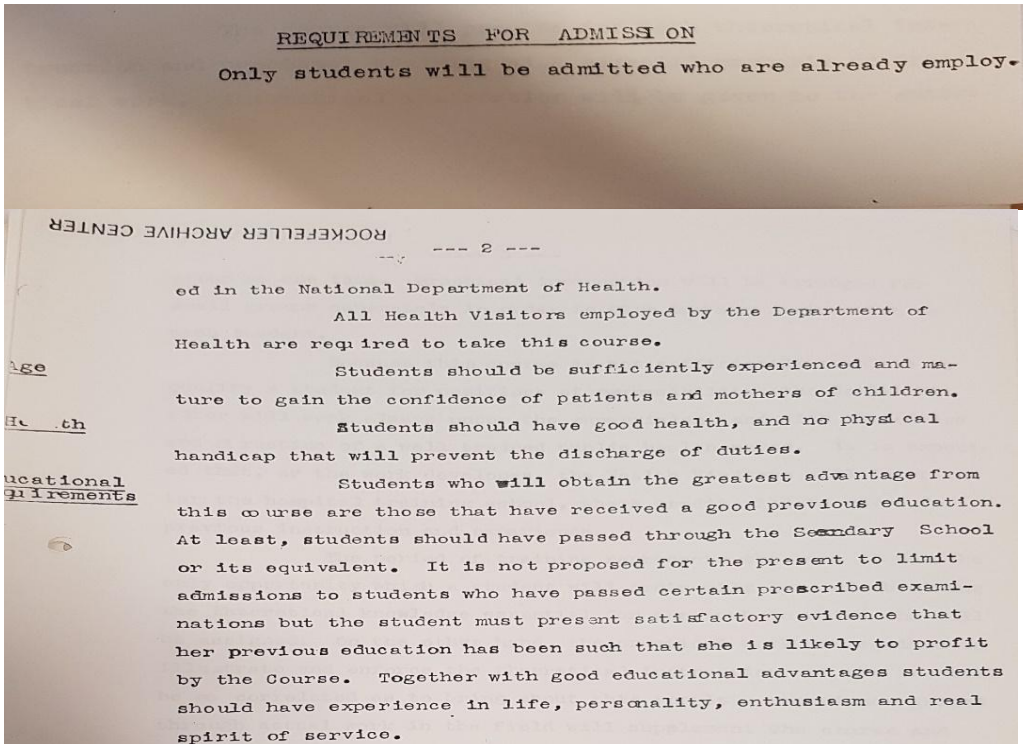
FIGURA 15. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Dr. Chagas, como diretor do DNSP, criou um "Serviço de enfermeiras e de educação de enfermagem", para ser ocupado por uma "superintendente geral". Esse serviço é diretamente abaixo do diretor geral do DNSP. Dr. Chagas solicitou ao senado para aprovação. Um escritório bem equipado, uma sala de conferência no prédio do Departamento e um automóvel com motorista foram providenciados para nosso uso. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Então, menos de um ano após aportar no Brasil, Ethel Parsons já havia solucionado seu maior problema, o de conciliar os interesses, dos sanitaristas, de Carlos Chagas e o seu. Ela daria o curso de emergência de 6 meses, observando a turma, e as que se destacassem, teriam a oportunidade de realizar o curso de enfermeiras de saúde pública, com créditos de instrução, além de ser nomeada Superintendente Geral do Serviço de Enfermeiras, estando na hierarquia apenas abaixo de Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Vale ressaltar que para vencer os obstáculos que atrapalhavam seu plano, Parsons tinha a seu favor o poder que a Fundação Rockefeller a conferia, com o financiamento em dólares e a não subordinação aos médicos brasileiros, além do apoio que recebeu das enfermeiras norte-americanas enviadas ao Brasil. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

Com isso, os critérios para iniciar esta turma foram diferenciados dos anos que viriam a se seguir, o que Ethel Parsons descreve em seu relatório enviado a Fundação Rockefeller em 15 de abril de 1922:



REQUIREMENTS FOR ADMISSION

Only students will be admitted who are already employ-

ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER

--- 2 ---

ed in the National Department of Health.

All Health Visitors employed by the Department of Health are required to take this course.

Students should be sufficiently experienced and mature to gain the confidence of patients and mothers of children.

Students should have good health, and no physical handicap that will prevent the discharge of duties.

Students who will obtain the greatest advantage from this course are those that have received a good previous education. At least, students should have passed through the Secondary School or its equivalent. It is not proposed for the present to limit admissions to students who have passed certain prescribed examinations but the student must present satisfactory evidence that her previous education has been such that she is likely to profit by the Course. Together with good educational advantages students should have experience in life, personality, enthusiasm and real spirit of service.

FIGURAS 16 e 17. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Requisições para admissão: Somente serão aceitas estudantes já empregadas no DNSP; todas as visitadoras de saúde empregadas pelo departamento precisarão realizar esse curso; estudantes precisarão ter boa experiência e maturidade para ganhar a confiança dos pacientes, mães e crianças; estudantes deverão gozar de boa saúde, não ter nenhum defeito físico que atrapalhe nos seus deveres. Estudantes que obterão a maior vantagem nesse curso são aquelas que receberam uma educação prévia boa. Pelo menos, estudantes têm que ter passado pela escola secundária ou equivalente. Não é proposto no atual momento limitar a admissão de estudantes que já tenham passado por exames, mas a estudante tem que apresentar uma evidência satisfatória que sua educação prévia foi o suficiente para continuar nesse curso. Juntos com a vantagem educacional, estudantes deverão ter experiência de vida, personalidade, entusiasmo e verdadeiro espírito de servir. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Mesmo a princípio sendo contra as enfermeiras visitadoras, Parsons ao herdar o curso, desejava fazê-lo com a maior qualidade possível, exigindo uma boa educação prévia, com boa saúde e sem defeitos físicos.

No trecho citado acima, Parsons comenta que as futuras alunas precisarão de boa experiência e maturidade para ganhar a confiança dos pacientes, mãe e crianças. De acordo com Freire (2008, p. 121), inspirado no Relatório de Goldmark, o Serviço de Enfermeiras do DNSP passou a compreender que a persuasão, educação e propaganda são mais valiosas, em lugar da coação. Ao contrário de obrigar, esclarecer; de intimar, instruir; de multar, insistir.

Observa-se que Parsons estava trazendo para o Brasil os mesmos exemplos que vivenciou no seu país.

Moreira (1999, p. 621) refere que o treinamento das ‘enfermeiras visitadoras’, começou imediatamente. Decidiu-se dar algum conhecimento teórico e prático dos procedimentos de enfermagem às já disponíveis e a um número limitado de novos pretendentes — 44 ao todo — através de um ‘Curso de Emergência de Seis Meses para Visitadores de Saúde’, iniciado em 24 de abril de 1922.

Ao selecionar moças para o a Escola de Enfermeiras do DNSP, Parsons procurava por jovens com hábitos e comportamentos com algum condicionamento ou modelações, considerados, à época, distintivos de boas maneiras e de consequente respeitabilidade. Na avaliação final, seriam eliminadas desde logo as que apresentassem deficiências físicas, as emocionalmente incapazes e as que mostrassem rudeza dos costumes. (SANTOS, 1998).

Podemos observar em comum a exigência de ter frequentado a Escola Normal ou equivalente, e estar com boa saúde. Mesmo com a admissão das enfermeiras visitadoras que já estavam atuando no DNSP, Parsons afirma que estas precisariam manter um grau satisfatório de compreensão para se manter no curso.

Revendo os documentos, no ano de 1922, foram encontrados 23 questionários preenchidos pelas candidatas, que apresentam as escritas de margens de Ethel Parsons. Do grupo com escritas de margem, apenas duas alunas completaram o curso de emergência de 6 meses proposto por Parsons.

Especialmente no ano de 1922 há a presença de dois tipos de inscrição. O primeiro grupo é referente ao curso de 6 meses, são as alunas do curso de Fontenelle que Parsons absorveu nesse primeiro momento, e o segundo grupo são as candidatas ao curso de 10 meses, que se iniciaria em 1923. Este segundo grupo se inscreveu no final de 1922, mais precisamente em dezembro.

Observando as escritas de margens de Parsons para este ano, elas apontam para um diagnóstico observacional, não um julgamento de candidata, visto que de acordo com os critérios descritos, a maior parte das moças já empregadas, seriam absorvidas.

Ao analisar os questionários de 1922, todas as moças relataram em educação acadêmica ter frequentado escola normal ou equivalente; 13 afirmaram terem tido ocupação anterior, com diversas profissões; 6 relataram terem sido professora; 4 enfermeiras ou visitadoras; 1 telefonista; e 1 caixa da Casa Colombo.

Em relação ao defeito físico, todas afirmaram que não o tinham e que gozavam de boa saúde. Na prática de nurse, 11 relataram que já tinham 3 na Inspetoria de Profilaxia da

Tuberculose, 3 no Hospital São João Batista, 1 na Colônia de Alienados, e as outras servindo em casa de família, enfermarias, mas sem maiores especificações.

Finalmente, observando as escritas de margem de Ethel Parsons para essa primeira turma avaliada em 1922, há relatos de apenas 2 alunas que concluíram o curso, exemplificadas no quadro 1 a seguir, com suas escritas de margem:

QUADRO 1. Alunas que concluíram o curso no ano de 1922.

Nome	Escrita de Margem
Júlia Moura Rego Barros	Carta da prova enviada.
Maria Pérpetua de Oliveira Pedrosa	Bom tipo, recomendada pelo dr. Figueiredo.

Como neste ano os critérios de Parsons decorrem da experiência de observação destas alunas no curso de enfermeiras visitadoras, a seleção foi um pouco diferenciada do ano que viria a seguir.

Ethel Parsons relata que logo após a primeira semana de início do curso, três estudantes desistiram, como descrito no treco a seguir do relatório enviado à Fundação Rockefeller, referente ao período de 1 de abril de 1922 a 1 de julho de 1922:

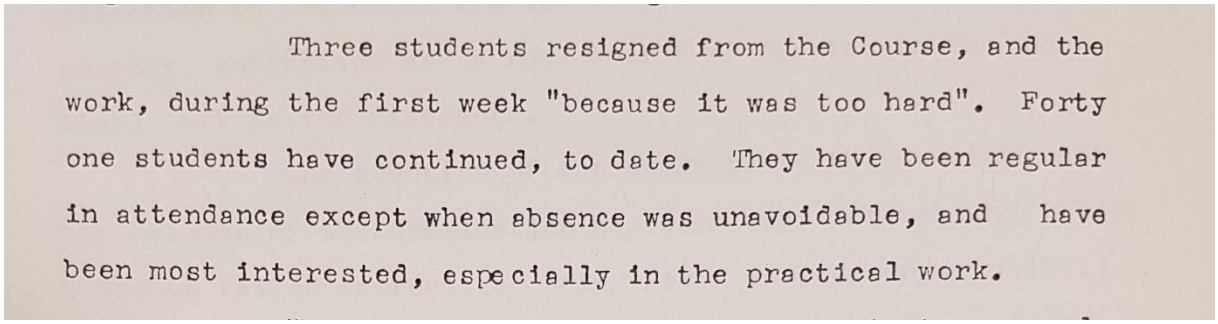

Three students resigned from the Course, and the work, during the first week "because it was too hard". Forty one students have continued, to date. They have been regular in attendance except when absence was unavoidable, and have been most interested, especially in the practical work.

FIGURA 18. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Três alunas deixaram o curso, durante a primeira semana “porque estava muito pesado). Quarenta e uma estudantes continuam, até o momento. Elas têm sido regulares nos atendimentos, exceto quando a ausência foi inevitável, e têm demonstrado interesse, especialmente no trabalho prático”. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

E Parsons (1922), afirma neste mesmo relatório que “desde o início nós tomamos cuidado para que alunas, médicos e público deviam ter o ponto de vista apropriado e entender que este curso foi dado como uma medida de emergência e de nenhuma maneira é uma preparação completa para enfermeiras de saúde pública”, ou seja, mantendo, apesar das

dificuldades, seu objetivo, de criar a escola de enfermagem do DNSP para formar enfermeiras de saúde pública de qualidade.

Vale ressaltar que Chartier aborda a possibilidade de as representações favorecerem as organizações da sociedade. Cabe ressaltar que as representações não se opõem ao mundo real, elas direcionam a classificação e a ordenação do mundo social, baseadas no real. Para ele, as representações são as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social. (NAVARRETE, 2011).

Então, pode-se afirmar também, que um dos medos de Parsons é a representação que as enfermeiras visitadoras poderiam ter, o que futuramente poderia atrapalhar a representação que ela gostaria que as enfermeiras de saúde pública viessem a ter.

Voltando para as alunas e as escritas de margem de Parsons, em relação às alunas que não concluíram o curso neste primeiro ano, de 1922, observa-se em alguns dizeres a ideia de que a candidata não fosse o ideal, de acordo com os ideia de Parsons, e outros apenas escritos uma afirmação, como “exonerada do serviço de enfermeiras”. Neste último, a escrita estava em português, mas sem descrição do porquê da exoneração, fato que ocorreu com 3 alunas da turma de 1922.

QUADRO 2. Alunas que não concluíram o curso no ano de 1922.

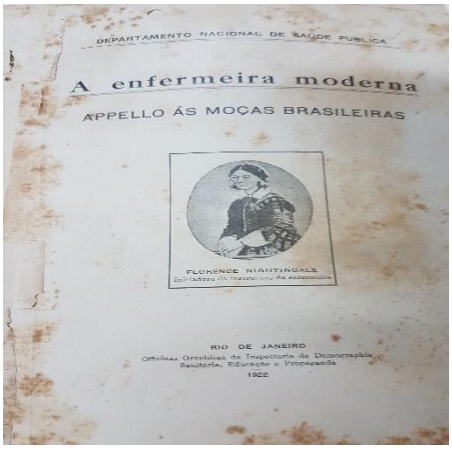
Nome	Escrita de Margem
Antonietta Carneiro Monteiro	Jovem.
Antonietta Quintella	Abandonou curso após um mês. Jovem.
Arlinda Pinto Guedes	Não completou o curso devido a pouca saúde.
Clotilde de Almeida Brandão	Excelente estudante, abandonou o curso para casar.
Enapina de Carvalho	Tipo razoável, marido no último estágio de tuberculose. A cunhada está cuidando da família.
Esther Salgado Monteiro	Estudante insubordinada. Recusou-se a prática de cozinha.
Etelvina Freitas	Exonerada do Serviço de Enfermeiras
Eugenia Vianna Moraes	Tipo razoável. Voz rouca.
Evangelina Duarte Fontenelle	Não entrou no curso.
Hercília Fonseca da Cunha	Muito inteligente e calma. Não recebeu a carta a tempo.
Lavínia Froehlich	Não é um bom tipo, fala muito.
Leocádia do Valle	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Alvarenga Mano	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Antonietta M. Ramos	Reprovou na prova. Não recebeu o certificado.
Maria Augusta Bicalho	Candidata muito pobre. Não completou o curso.
Maria César de Oliveira	Não entrou no curso.
Maria de Lourdes Porto Newlands Velho	Não gosta de estudar.
Maria Isabel Santos	Boa aparência, medo de estudar.
Maria Rhodes Costa	Dispensada do Serviço de Enfermeiras. Tipo muito pobre
Marianna Pereira Nunes	Tipo muito pobre, personalidade não atrativa.
Umbelina Luz	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.

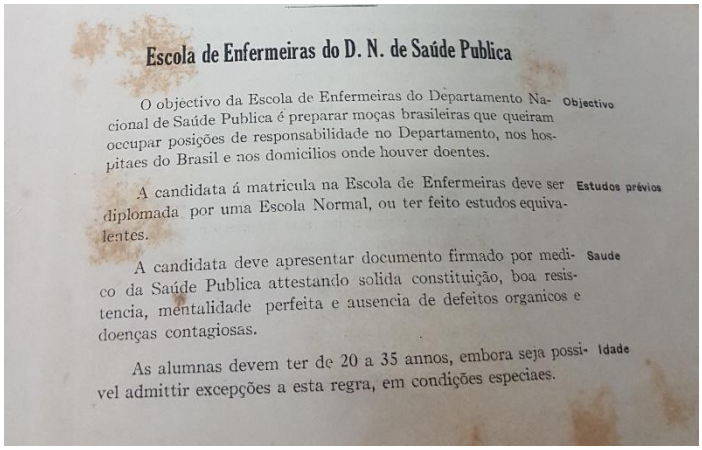
Além disso, Parsons já inicia a análise de atitude e aparência destas moças, como no comentário “boa aparência, medo de estudar” e “não é um bom tipo, fala muito”, o que iremos discorrer melhor com as candidatas de 1923.

Em todos os outros momentos, os dizeres são referentes a características ruins ou neutras, ou apenas relatando um fato, como por exemplo: “abandonou o curso após um mês devido a saúde ruim”. E como exemplo de alguns comentários depreciativos referente a atitude e aparência das alunas, temos: “Estudante insubordinada”; “tipo razoável, voz rouca”; “Tipo ruim, fala muito”; “Não gosta de estudar”.

Existe também alguns comentários que Parsons considerou-as como jovens para realizar o curso. Comparando com o documento "Apello ás moças brasileiras" de 1922, Parsons fala sobre os requisitos para entrar na Escola de Enfermeiras do DNSP:

> A candidata á matricula na Escola de Enfermeiras deve ser diplomada por uma Escola Normal, ou ter feito estudos equivalentes; A candidata deve apresentar documento firmado por médico da Saúde Pública atestando solida constituição, boa resistencia, mentalidade perfeita e ausencia de defeitos organicos e doenças contagiosas; As alumnas devem ter entra 20 e 35 anos, embora seja possivel admittir excepções a esta regra, em condições especiais; As candidatas devem apresentar referencias de boa conducta, sendo também levada no devido valor a experiencia em direcção de casa, no serviço educativo ou comercial. (PARSONS, 1922).





FIGURAS 19 e 20. Fac-símiles Apello ás Moças Brasileiras.

Considerando que Parsons já vislumbrava que as melhores alunas do curso terminassem seus estudos na futura escola de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, é de se esperar que neste momento, Ethel Parsons preferisse contratar alunas dentro da faixa etária que consideraria ideal para posteriormente se formar como enfermeira de saúde pública.

Além disso, Parsons afirma em relatório enviado à Fundação Rockefeller, referente ao período de 1 de abril de 1922 a 1 de julho de 1922, que houve uma melhora do serviço com os pacientes, sem comprometer a futura imagem das enfermeiras de saúde pública:

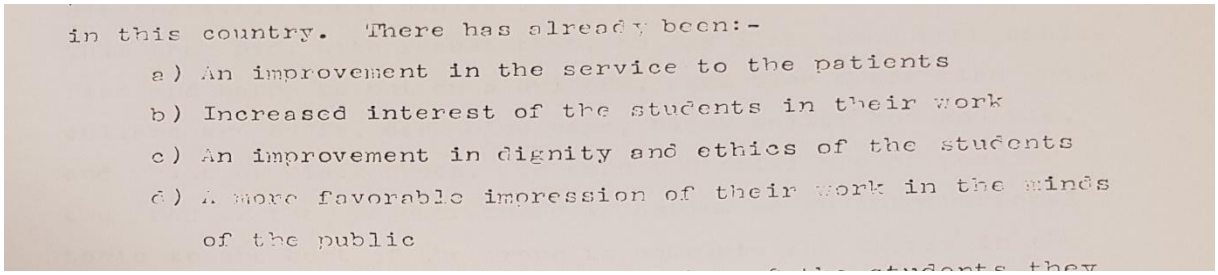

in this country. There has already been:-
a) An improvement in the service to the patients
b) Increased interest of the students in their work
c) An improvement in dignity and ethics of the students
d) A more favorable impression of their work in the minds of the public

FIGURA 21. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Já tivemos: a) Uma melhora do serviço com os pacientes; b) Aumento do interesse das estudantes no seu trabalho; c) Uma melhora da dignidade e ética das estudantes; d) Uma impressão mais favorável do seu trabalho no pensamento do público. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Logo, com o curso de emergência de 6 meses, estava havendo alguma melhoria do serviço, além de também uma melhor postura das alunas. Parsons (1922) refere que algumas alunas do curso estavam indo muito bem e tinham interesse em permanecer posteriormente na escola de enfermagem: “As melhores estudantes do grupo declararam suas intenções de entrar na Escola de Enfermeiras e completar o curso na primeira oportunidade”.

Inclusive, Parsons (1922), afirma também que os sanitaristas estavam aprovando o serviço prestado: “Dr. Plácido Barbosa, nos disse que ele e outros observaram um decidido aumento no interesse no trabalho, senso de propósito e um geral aumento do tom moral da equipe. [...] Isso, eles atribuem ao curso e a pessoal influência e exemplo das enfermeiras americanas”.

Parsons relata em seu relatório do período de 1 de janeiro de 1923 a 31 de março de 1923, que 33 alunas concluíram o curso de emergência de 6 meses.

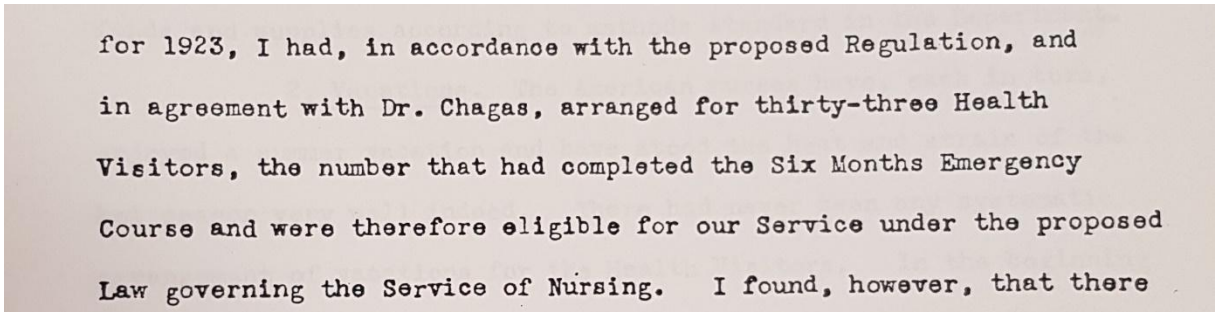

for 1923, I had, in accordance with the proposed Regulation, and in agreement with Dr. Chagas, arranged for thirty-three Health Visitors, the number that had completed the Six Months Emergency Course and were therefore eligible for our Service under the proposed Law governing the Service of Nursing. I found, however, that there

FIGURA 22. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1923.

> Eu, de acordo com o regulamento proposto, e de acordo com o Dr. Chagas, arranjei para as trinta e três Visitadoras de Saúde, o número que completou o Curso de Emergência de Seis Meses e estavam elegíveis para o nosso serviço de acordo com a

> lei vigente no Serviço de Enfermeiras. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1923).

Assim, observa-se que Ethel Parsons queria construir uma imagem de uma modelo profissional em relação a enfermeira de saúde pública e as enfermeiras visitadoras a estavam atrapalhando nesse processo. Para contornar essa situação, ao selecionar moças para o curso de enfermeiras visitadoras, se utilizou dos mesmos critérios que viria a usar com as enfermeiras de saúde pública, visando manter a qualidade do seu curso e posterior aproveitamento dessas alunas.

Mesmo não sendo a favor das enfermeiras visitadoras e com receio que estas pudessem atrapalhar a imagem das futuras enfermeiras de saúde pública, Parsons manteve seu nível de qualidade no curso o mais alto possível, sendo posteriormente reconhecida pelos sanitaristas, que desejavam as tarefistas, como um nível educacional um pouco maior poderia melhorar a qualidade do serviço prestado.

Parsons, então, procurou manter a maior qualidade que pode no curso de emergência de 6 meses para enfermeiras visitadoras, sendo exigente ao manter as alunas em seu curso, e em alguns momentos até elitista. Não é à toa que Ethel Parsons posteriormente se torna um símbolo da enfermagem na década de 1920, oferecendo oportunidade às mulheres brasileiras de iniciar o trabalho em uma nova profissão.

6 A INSCRIÇÃO PARA A ESCOLA PREPATÓRIA DE NURSES NO ANO DE 1923

Entre o ano de 1922 e 1923, há a transição do curso da duração de 6 meses para 10 meses. Na proposta de Parsons para o curso de 10 meses há a justificativa pautada nas seguintes observações:

> Que muitas das alumnas não tinham educação basica sufficiente para poderem tirar proveito do Curso. Que a instrucção era insufficiente por ser o Curso curto demais. Que o Curso não incluiu trabalho pratico sufficiente devido a falta de oppurtunidade nas enfermarias dos hospitais e nos dispensários. Que muitos dos cursos theoricos, embora excelentes, eram clássicos demais para a compreensão das alumnas. (MISSÃO PARSONS, 1922).

No documento analisado, não há data de quando Parsons realizou tal solicitação, mas infere-se que foi ainda em 1922, início de 1923, pois neste documento há a proposta das alunas do curso de enfermeiras visitadoras assistirem aulas em conjunto com as futuras enfermeiras de saúde pública. Considerando que a Escola de Enfermagem teve suas atividades iniciadas em fevereiro de 1923, a proposta de Parsons deve ter ocorrido em data próxima a inauguração da Escola.

Nesta proposta, Parsons também considerou o problema da residência das alunas da Escola de Enfermagem, visto que a ideia inicial era ter uma turma se iniciando a cada três meses, mas como a residência para as alunas não estava pronta, só havia vaga para 16 moças, então para resolver esses dois problemas, Parsons propôs: "[...] lembraria que juntassemos o Curso para as Visitadoras de Hygiene com o Curso Preliminar Intensivo para Enfermeiras. Lembraria também que prolongassemos o Curso para as Visitadoras de Hygiene para dez mezes". (MISSÃO PARSONS, 1922).

A proposta foi aceita por Carlos Chagas, visto que a partir de 1923, os documentos apontam o início curso de enfermeiras visitadoras com duração de 10 meses.

Com isso, acredita-se que as candidatas ao curso teriam então mais motivação para realizá-lo. Com a proposta de Parsons, posteriormente elas poderiam continuar com os estudos até tornarem-se enfermeiras de saúde pública.

Das 57 candidatas em análise, 22 iniciaram o curso para enfermeiras visitadoras e há o relato de 12 que concluíram o curso.

TABELA 3. Quantitativo de Questionários por ano.

Ano	1922	1923
Com escritas de margem	23	57
Sem escrita de margem	32	60

Além disso, no ano de 1923, observa-se também que ocorre a presença de mais algumas perguntas, parecendo terem sido acrescentadas através de máquina de escrever[9] nos questionários. Estas perguntas são referentes ao estado civil e quantidade de filhos das candidatas e se encontram logo abaixo de ocupações anteriores, e um pouco acima da segunda parte das perguntas pessoais.

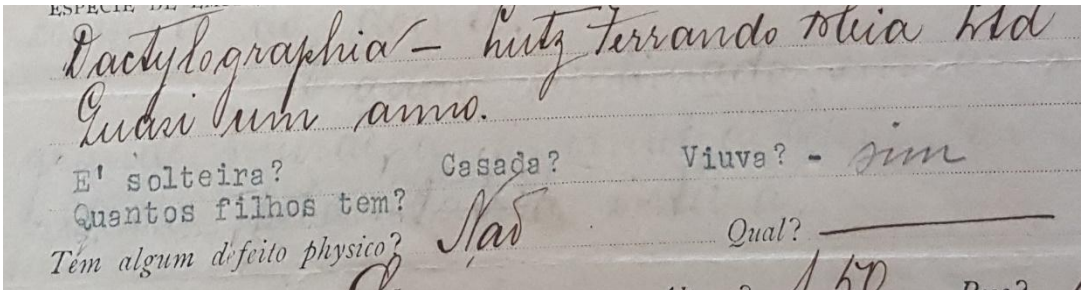


FIGURA 23. Fac-símiles Perguntas Extras.

Sauthier e Barreira (1999, p. 75) apontam que a enfermagem, por se incluir entre as profissões femininas, ou seja, aquelas cujo fazer refere-se aos papéis convencionados como primordiais à condição da mulher na sociedade, como de mãe, esposa, filha ou irmã, constituindo-se como uma extensão do trabalho doméstico, tornou-se uma ótima opção para aquelas mulheres que desejavam libertar-se da tutela dos pais.

Assim, o advento da profissão de enfermeira representava uma maneira de instituir como profissão a educação feminina tradicional, da qual fazia parte o atendimento das necessidades das crianças, enfermos e idosos. Além disso, uma vez casadas, poderiam continuar aplicando os ensinamentos assimilados para cuidar da sua própria família, já que se desejassem casar, deveriam afastar-se do emprego. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999).

Podemos observar que no ano de 1923 há mais candidatas ao curso que no ano anterior, em um total de 117. A seleção ocorreu em dois momentos, a primeira no início de 1923, visando a turma que se iniciou em fevereiro, junto com a inauguração da Escola de

[9] É solteira? Casada? Viúva? Quantos filhos têm?

Enfermagem. O segundo momento ocorre no meio e no fim de 1923, já para as turmas que se iniciariam no fim deste ano e no início do outro ano.

Observa-se que nesta turma, conforme ano anterior, todas relataram educação acadêmica, ou seja, frequentado escola normal ou equivalente.

Este exemplo de educação prévia também está presente no Relatório de Goldmark. Freire (2008, p. 121) relata que a escola de treinamento nos Estados Unidos, a qual tinha o propósito de educar enfermeiras capazes de cuidar de doenças agudas, ir para a enfermagem de saúde pública ou atuar como supervisoras, deveria requerer para a entrada de alunas a conclusão do ensino secundário ou equivalente. Tal fato serviria para uma melhor organização dos cursos além de atrair candidatas de qualidade.

Em relação a ocupação anterior, há um equilíbrio entre o número de alunas com alguma experiência de trabalho, um total de 28 alunas, contra 29 que nunca haviam trabalhado. Observa-se uma grande variação de empregos, como datilógrafa, caixa, professora e até mesmo enfermeiras, porém sem especificação da formação.

Como no ano interior, em 1923 não há relatos de defeito físico nas fichas, apesar de haver dispensa de uma candidata que iniciou o curso em junho de 1923, mas pediu demissão por motivo de doença em setembro de 1923.

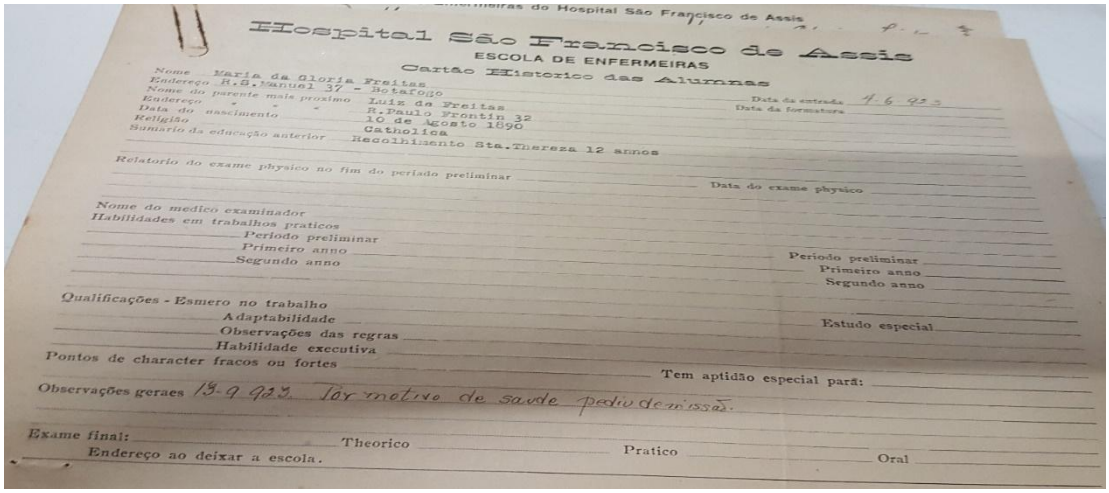

Hospital São Francisco de Assis
ESCOLA DE ENFERMEIRAS
Cartão Historico das Alumnas
Nome Maria da Gloria Freitas
Endereço R.G.Manuel 37 - Botafogo
Nome do parente mais proximo Luiz da Freitas
Endereço " " R.Paulo Frontin 32
Data do nascimento 10 de Agosto 1898
Religião Catholica
Gráo da educação anterior Recolhimento Sta.Thereza 12 annos
Data da entrada 4.6.923
Data da formatura
Relatorio do exame physico no fim do periodo preliminar
Data do exame physico
Nome do medico examinador
Habilidades em trabalhos praticos
Periodo preliminar
Primeiro anno
Segundo anno
Periodo preliminar
Primeiro anno
Segundo anno
Qualificações - Esmero no trabalho
Adaptabilidade
Observações das regras
Habilidade executiva
Estudo especial
Pontos de character fracos ou fortes
Tem aptidão especial para:
Observações geraes 13.9.923. Por motivo de saude pediu demissão.
Exame final: Theorico Pratico Oral
Endereço ao deixar a escola.

FIGURA 24. Fac-símiles Demissão devido a Doença.

Quanto a prática de Nurse, 16 candidatas relatam terem tido prática anterior, porém essa prática é variada, visto os relatos que ocorreu na própria residência, como auxiliar de bacteriologista, criando filhos e até mesmo na residência de amigos. Destas candidatas com prática anterior, 7 entraram no curso de Parsons e há o relato de 4 alunas dentre estas que concluíram o curso.

Entrando no quesito das escritas de margem, no ano de 1923 há uma grande variedade. No quadro 3 observa-se as candidatas que iniciaram o curso no ano de 1923, com as escritas de margem relacionadas a sua aparência.

QUADRO 3. Avaliação da aparência das candidatas que iniciaram o curso em 1923.

Nome	Escrita de Margem
Adalgisa Ramos de Medeiro	Excelente impressão da candidata. Muito inteligente, provavelmente terminará o curso.
Amelia Smith de Vasconcellos	Aparência razoável. Muito preta.
Josephine Ignacio valentim	Jovem, para próxima turma.
Jovita de Souza	Boa aparência. Recomendada por Maria E. Silva
Maria de Lourdes R Brandão	Bem recomendada pela Maria Gurjão. Boa aparência.
Noemia Mano Ayres	Boa aparência. Filha de Maria Mano.
Philomena Nogueira Marinho	Interessante, aparência brilhante. Recomendada por Maria Silva.
Rosalina de Faria	Brilhante, boa aparência, boas maneiras, boa impressão.

Vale ressaltar que uma aluna negra iniciou o curso, apesar do preconceito que havia à época em relação a cor da pele. Foram encontrados relatos de 1926 em que Parsons defendeu-se das acusações que atribuem a dispensa das enfermeiras visitadoras ao preconceito da cor. Diz ela: “Não tenho absolutamente preconceito de cor, e em todas as dispensas que fui obrigada a proceder, tiveram culpa as exoneradas que, ou se tinham colocado em contravenção ao regulamento ou então não demonstravam exação no cumprimento de seu dever”. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999 apud “O Jornal”, 1926).

Pode-se observar que além da aparência, há também indicações de candidatas que foram recomendadas por um conhecido, o que se verá mais a frente que nem sempre Parsons levou em consideração.

Além disso, infere-se que ter em seu curso candidatas com aparência que a agradasse foi um quesito importante, além também da avaliação da atitude, como está descrito no quadro 4.

QUADRO 4. Avaliação da atitude das candidatas que iniciaram o curso em 1923.

Nome	Escrita de Margem
Emilia Magalhães	Menina brilhante, provavelmente irá bem.
Eulalia Ceres Borges	Excelente tipo.
Gabriella Barretto	Talvez vá bem como VD.
Magdalena Jover Goulart Fraga	Bom tipo, acredito que fará um bom trabalho.
Maria da Conceição Prolou Carvalho	Tipo razoável. Acredito que se sairá bem.
Maria J de Faria Velozo	Bom tipo.
Maria Julia de Mattos	Boa prova. Reprovou no exame final. Está trabalhando no hospital como atendente.
Nadya Barreto	Tipo razoável.
Nair de Mendonça Maltez	Tipo razoável, provavelmente irá bem.
Rita Alves Soares	Tipo razoável.

Apesar da presença de uma aluna que reprovou, os documentos apontam que esta recebeu a braçadeira em julho de 1924 e iniciou seus trabalhos como enfermeira visitadora. Observa-se que Parsons apostou em algumas alunas, acreditando que se sairiam bem no curso.

Sauthier e Barreira, (1999, p. 74), relatam que as dúvidas de Ethel Parsons, referentes à aceitação da nova carreira, não eram infundadas. As condições sociais do país, na década de 1920, não permitiam o desenvolvimento rápido de uma profissão essencialmente feminina, baseado nos altos padrões educacionais norte-americanos e que privava a mulher de ter sua própria família. Logo, a atitude dessas moças seriam de suma importância no momento da seleção.

Ethel (MACARENHAS, apud FRAENKEL, 1934, p.14) constatou também que "[...] o povo tinha das enfermeiras, uma concepção atrazada de um século; igualmente á da Inglaterra antes de Florence Nightingale, isto é, mais ou menos em 1820 época em que essa profissão era ainda de tipo servil [...]", com isso ficou claro que um dos seus objetivos era o de transformar essa imagem da enfermeira. Logo, ao selecionar suas futuras enfermeiras visitadoras, o fez visando um alto padrão e qualidade.

Pode relacionar este fato ao conceito de representações de Chartier, o historiador aponta a possibilidade de elas serem utilizadas como instrumento teórico-metodológico de análise da história cultural. Neste campo, as representações são capazes de internalizar a forma simbólica das lutas pelo poder e dominação social, que existem independentemente da consciência e vontades individuais que as produziram dentro de determinado campo social.

Ethel estava lutando para manter a representação da futura enfermeira de saúde pública, o que conflui também com a seleção das enfermeiras visitadoras, visto que neste momento elas já assistiam aulas em conjunto com a primeira turma.

No quadro 5 podemos observar as outras escritas de margem de Ethel Parsons, que não se encaixaram em aparência ou atitude.

QUADRO 5. Outras escritas das candidatas que iniciaram o curso em 1923.

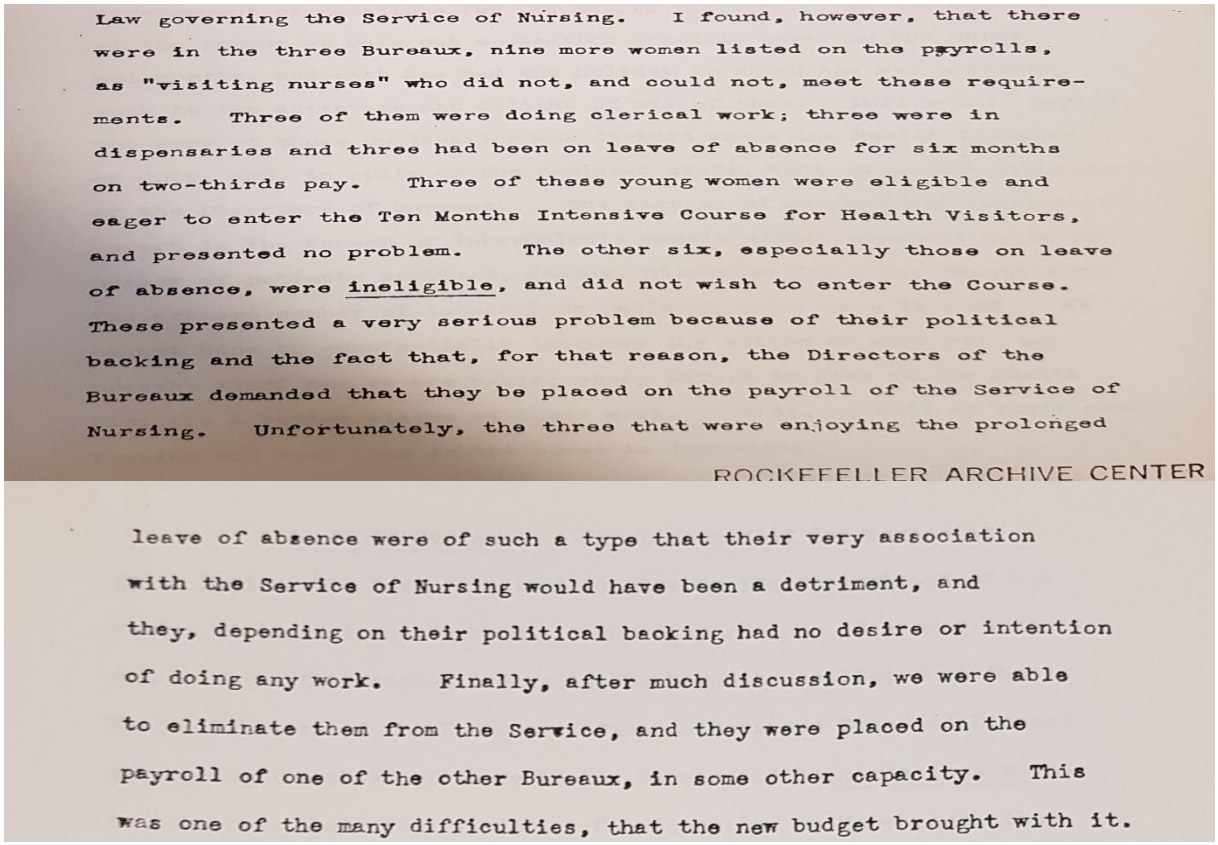
Nome	Escrita de Margem
Beatriz Ferreira Lopes	Aceitável.
Esther da Cunha Machado	Prima de estudante / Foi recusada por falta de preparação básica. B. Pullen (13/8/1929).
Maria da Glória Freitas	Recomendado pelo Dr. Motta
Maria Luiz Gonçalves	Carta do exame enviada.

Nota-se que neste grupo há novamente recomendações, além de um questionário avaliado e com assinatura de Bertha Pullen[10] em 1929. Ao analisar os documentos referentes a esta candidata, observa-se que em 1923 ela iniciou o curso de enfermeiras visitadoras, mas que entrou de licença em setembro e foi demitida em outubro do mesmo ano. Acredita-se que posteriormente tentou iniciar o curso como enfermeira de saúde pública em 1929, não sendo aceita por Pullen.

Com este fato, infere-se que os critérios para iniciar o curso que Parsons decretou no ano de 1923, perdurou pelos anos que se seguiram.

Em seu relatório enviado à Fundação Rockefeller no período de 1 de janeiro de 1923 a 1 de março de 1923, Parsons relata sua dificuldade em lidar com 9 alunas que estavam a mais constando na folha de pagamento “Eu achei, entretanto, nas três Inspetorias, nove mulheres a mais listadas nas folhas de pagamento”.

[10] Betha Lucille Pulen foi diretora da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, posteriormente nomeada Escola de Enfermagem D. Ana Néri, de 1928 a 1931 e posteriormente de 1934 a 1938.



Law governing the Service of Nursing. I found, however, that there were in the three Bureaux, nine more women listed on the payrolls, as "visiting nurses" who did not, and could not, meet these requirements. Three of them were doing clerical work; three were in dispensaries and three had been on leave of absence for six months on two-thirds pay. Three of these young women were eligible and eager to enter the Ten Months Intensive Course for Health Visitors, and presented no problem. The other six, especially those on leave of absence, were ineligible, and did not wish to enter the Course. These presented a very serious problem because of their political backing and the fact that, for that reason, the Directors of the Bureaux demanded that they be placed on the payroll of the Service of Nursing. Unfortunately, the three that were enjoying the prolonged

ROCKEFELLER ARCHIVE CENTER

leave of absence were of such a type that their very association with the Service of Nursing would have been a detriment, and they, depending on their political backing had no desire or intention of doing any work. Finally, after much discussion, we were able to eliminate them from the Service, and they were placed on the payroll of one of the other Bureaux, in some other capacity. This was one of the many difficulties, that the new budget brought with it.

FIGURAS 25 e 26. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1923.

> Três dessas moças estavam realizando trabalho voluntário, três estavam nos dispensários e três se ausentaram por licença médica por seis meses com 2/3 pagos. Três dessas moças eram elegíveis para entrar no Curso Intensivo de Dez Meses para Visitadoras de Saúde e apresentavam nenhum problema. As outras seis, especialmente as que saíram por licença, foram ilegíveis, e não quiseram entrar no Curso. Isso apresentou um problema muito sério por causa da política por trás e o fato que, por essa razão, os Diretores das Inspetorias demandaram que elas fossem postas nas folhas de pagamento do Serviço de Enfermeiras. Infelizmente, as três que estavam aproveitando a longa licença eram de tal tipo que sua própria associação com o Serviço de Enfermeiras teria sido um prejuízo, e elas, dependendo da política por trás, não tinham interesse em realizar nenhum trabalho. Finalmente, após muita discussão, nós conseguimos eliminar elas do Serviço, e foram realocadas na folha de pagamento de outras Inspetorias, em outra capacidade. Essa foi uma das muitas dificuldades, que a nova despesa trouxe consigo. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1923).

Observando tal relato de Ehel Parsons, infere-se que apesar das recomendações e da política envolvida, ela não permitia a entrada e a permanência de alunas que não fossem elegíveis para o curso, independente do relacionamento que estas tivessem dentro do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Analisando-se os documentos referentes às candidatas, pode-se ver no quadro 6 as escritas de margem de Parsons em relação a aparência destas.

QUADRO 6. Avaliação da aparência das candidatas que não iniciaram o curso em 1923.

Nome	Escrita de Margem
Adellina Soriano de Souza	Parente de Márcia Gurjão. Tipo pobre. Aparente ser muito mais velha que 32 anos.
Alayde Ramos de Paiva	Muito preta.
Eliza Fernandes Roxo de Lima	50 anos, aparenta 35. Boa aparência, passou anos na Europa.
Fraildes Pires Batista	Excelente, 17 anos.
Jandyra Raposo	Muito nova, aguardar próxima turma.
Isabel de Vasconcellos	Impressão não muito boa.
Orlandina Francisco Braga	Preta.
Philomena Mazza	Parece pobre.
Rita Salgado	Filha da Lydia Salgado. Muito nova.

Neste grupo de alunas, podemos observar comentários em relação a idade, a cor de pele e nível econômico da candidata.

Sobre a questão da cor da pele, Moreira (1999) relata sobre o ingresso na Escola de Enfermagem, que passou a depender não só da posse do diploma do curso normal, como de um pré-requisito não formalizado: ser de ‘raça branca’. Acredita-se que para o curso de enfermeiras visitadoras, manteve-se os mesmos critérios, visto a oportunidade após curso, de entrar na Escola de Enfermagem como aluna júnior.

Entretanto, a questão da discriminação racial na seleção de candidatas ao curso, tornou-se aguda, com a publicação de denúncias em jornais e carta de advertência do Ministro da Justiça, fazendo alusão à Constituição. Parsons reconhecia em seu relatório, que a política da Escola era mesmo a de evitar a entrada de alunas negras, até que o conceito da profissão, junto ao público, tivesse mudado, para que fosse atraída para a profissão a “melhor classe de mulheres”. (SAUTHIER; BARREIRA, 1999 apud PARSONS, 1926).

Diante desta situação, Sauthier e Barreira (1999, p. 97) apontam que a Escola admitiu uma moça negra, no mesmo ano, que atendesse aos requerimentos exigidos. Essa candidata suspeita de ter sido enviada por um dos jornais, foi admitida, provocando uma onda de protesto por parte das alunas. Porém o princípio da hierarquia e disciplina foi mantido. Além disso, há relatos no ano de 1923, como dito anteriormente, da aceitação de uma enfermeira visitadora negra.

Além disso, novamente há a questão da idade das alunas, onde Parsons solicitou que algumas tentassem novamente em outro ano, e as recomendações da parte de pessoas conhecidas, porém neste grupo, observa-se que Ethel não aceitou todas as recomendações, o

que pode ter acontecido também em relação a atitude das alunas, como demonstrado no quadro 7.

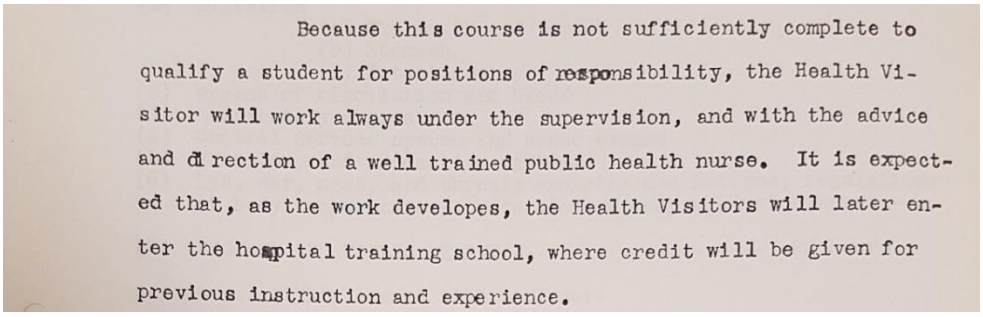
QUADRO 7. Avaliação da atitude das candidatas que não iniciaram o curso em 1923.

Nome	Escrita de Margem
Aida Ressiguer Couto	Não é um bom tipo. Recomendada pelo dr. Plácico
Anna Borges Simões	Bom tipo.
Generosa Batalha de Medeiros	Não é um bom tipo servil.
Josephina Costa	Tipo muito pobre. Disse a ela que não é elegível para este curso.
Leonor Bigueira do Amaral	Tipo pobre.
Licina Ribeiro Oliveira	Não é um bom tipo.
Lucia da Silva Donizetti	Tipo pobre.
Magdalena Areas	Reprovou na prova.
Magdalena Sogdo Possolo	Tipo razoável. Recomendada pelo dr. Figueiredo
Ida de Oliveira Ramos	Bom tipo. Graduada em farmácia.
Luiza Cabral	Tipo pobre, parece estúpida.

Então, quanto a atitude das alunas que não iniciaram o curso, as recomendações não foram levadas em consideração por Ethel Parsons. Além disso, há dois relatos afirmando que a candidata era um bom tipo, mas não foi encontrado nos documentos nada que estas alunas iniciaram o curso.

Mascarenhas (2016, p. 225) relata que a gênese do trabalho profissional da enfermeira brasileira ocorreu sob os signos do elitismo e do preconceito, mas por outro lado, essas qualificações indicam a intenção de dirigentes brasileiros em constituir uma elite profissional no campo da enfermagem e legitimar a profissão nascente em uma sociedade marcada por uma intensificada divisão de classes sociais.

Pode se levar em consideração que Parsons em diversos momentos relata que sua intenção era de aproveitar as alunas que concluírem o curso, com resultado satisfatório terminaram o curso como enfermeiras de saúde pública.



Because this course is not sufficiently complete to qualify a student for positions of responsibility, the Health Visitor will work always under the supervision, and with the advice and direction of a well trained public health nurse. It is expected that, as the work developes, the Health Visitors will later enter the hospital training school, where credit will be given for previous instruction and experience.

FIGURA 27. Fac-símiles Relatório Fundação Rockefeller, 1922.

> Como esse curso não é completo o suficiente para qualificar as alunas para posições de responsabilidade, as visitadoras de saúde trabalharão sob supervisão, e com o conselho e instrução de uma boa enfermeira de saúde pública. É esperado que conforme o trabalho avance, as visitadoras de saúde irão posteriormente entrar no Hospital Escola, onde será fornecido créditos de instrução e experiência prévia. (RELATÓRIO MISSÃO PARSONS À FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, 1922).

Através do trecho citado acima por Parsons, reitera-se a ideia que ela vislumbrava não perder as boas alunas do curso e sim aproveitá-las dando créditos para entrarem na Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, que nesse momento estava em processo de criação.

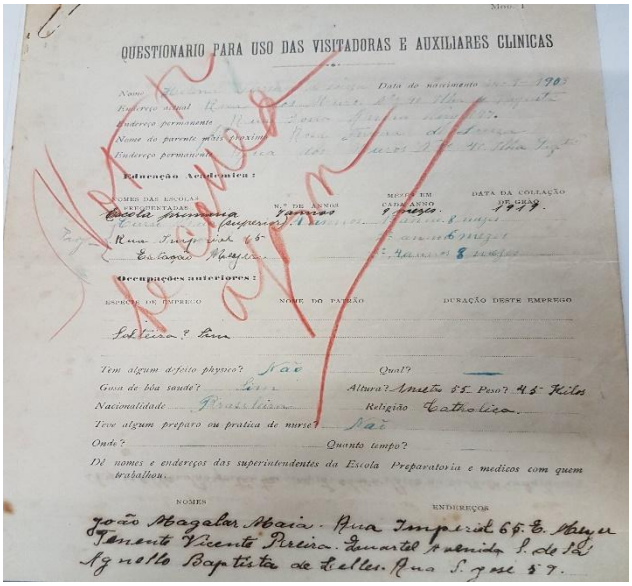
Logo, infere-se que ao selecionar as candidatas para iniciar o curso de enfermeiras visitadoras, as escolheu com os mesmos critérios que as futuras enfermeiras de saúde pública.

Em relação às escritas de margem que não se enquadram em atitude ou aparência, podemos observá-las no quadro 8 a seguir.

QUADRO 8. Outras escritas das candidatas que não iniciaram o curso em 1923.

Nome	Escrita de Margem
Abigail Costa	Não
Antonia Aguiar	Perdeu o marido, ama seus filhos, não será chamada novamente.
Cecy Guimarães	Não será chamada novamente.
Corina Teixeira de Souza	Tem influência política
Francelina Monteiro dos Santos	Não será chamada novamente
Giomar Costa	Não será chamada.
Hebe Cardoso de Oliveira	Não será chamada.
Helina Ferreira de Souza	Não será chamada novamente.
Izaura Pereira Brasil	Não será chamada novamente
Porcia Valente do Couto	Não poderá fazer a prova amanhã.
Regina de Vasconcellos	Nasceu na Inglaterra. Casou-se com um brasileiro.
Guilhermina Suzano	Aceita por especial referência do dr. Figueiredo.
Esther P Carneiro dos Santos	Filha de Maria Esther da Silva. Inteligente, provavelmente irá bem. Conhecida por dr. Plácido e dr. Chagas.

Novamente há a presença de alunas com conhecimento ou recomendações dentro do Departamento Nacional de Saúde Pública. Além disso, existem algumas frases enfáticas, como "Não será chamada novamente", sem outro comentário ou justificativa pelo qual Parsons tomou esta decisão.


QUESTIONARIO PARA USO DAS VISITADORAS E AUXILIARES CLINICAS

Data de nascimento 1901

Educação Scholastica:

Escola Normal — 1917 — 1919

Occupações anteriores:

Solteira? Sim

Tem algum defeito physico? Não — Qual?

Gosa de bôa saude? Sim — Altura? Metro 55. Peso? 45 Kilos

Nacionalidade Brasileira — Religião Catholica.

Teve algum preparo ou pratica de nurse? Não

Onde? — Quanto tempo?

Dê nomes e endereços das superintendentes da Escola Preparatoria e medicos com quem trabalhou.

NOMES — ENDEREÇOS

João Magalhães Maia. Rua Imperial 66. E. Novo
Tenente Vicente Pereira. Quartel 2ª remida 1º do 12
Agnello Baptista de Telles. Rua S. José 57.

FIGURA 28. Fac-símiles Questionário "Not to be called again".

Como exemplificado na figura 26, Ethel foi enfática. Retomando às escritas de margem, há neste grupo dois relatos de alunas que foram aceitas, como Esther Carneiro dos Santos e Guilhermina Souza, mas não foram encontrados nos documentos nada que comprovassem que entraram ou que concluíram o curso.

Além disso, há a presença de mais indicações de outros profissionais para as candidatas ao curso, mas mesmo com essa indicação, Parsons não as aceitou se não entendesse que eram candidatas capazes ao curso.

Parsons foi exigente ao selecionar as candidatas ao curso, analisando os documentos nota-se que a seleção aconteceu de forma elitista e preconceituosa, com critérios subliminares. Como seu plano desde o início, foi o de formar enfermeiras de saúde pública, visto que este era o objetivo da Missão Parsons, ao qual foi designada, desde a elaboração do curso de emergência de 6 meses, Ethel já vislumbrava inserir essas moças na Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Este fato foi confirmado ao solicitar o aumento do curso de emergência de 6 para 10 meses, onde nos primeiros 4 meses, as enfermeiras visitadoras assistiriam aulas em conjunto com as futuras enfermeiras de saúde pública e as alunas que se destacassem, poderiam permanecer na Escola como alunas júnior, recebendo o crédito dos 10 meses já cursados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, cuja coordenação foi delegada à enfermeira norte-americana Ethel Parsons, tinha como seu principal objetivo a criação de uma Escola de Enfermagem nos moldes norte-americanos. Tal missão teve início após a ida de Carlos Chagas aos Estados Unidos, onde conheceu de maneira mais próxima o trabalho das enfermeiras de saúde pública.

Ethel Parsons, ao chegar ao Brasil, encontrou um cenário onde não havia enfermeiras treinadas, na sua visão, e os médicos sanitaristas, entre eles, José Paranhos Fontenelle, que entendiam que as enfermeiras visitadoras seriam suficientes para suprir a demanda do país. Tais médicos desejavam tarefistas e por isso, antes de Parsons chegar ao Brasil, Fontenelle criou o curso de enfermeiras visitadoras com a duração de 2 meses.

Nesse primeiro momento ocorreu a luta de representações entre os sanitaristas, Ethel Parsons e Carlos Chagas. Os primeiros desejavam profissionais subalternos para auxiliá-los, principalmente na visita domiciliar. Parsons desejava cumprir a Missão a que foi designada e formar enfermeiras de saúde pública de excelência, entendendo que profissionais com uma formação melhor seriam o ideal. Chagas visava o sucesso da reforma sanitária e entendia que as enfermeiras de saúde pública eram a chave para seu sucesso.

Parsons, a fim de não fugir do objetivo da sua missão e conciliar o interesse dos sanitaristas e de Carlos Chagas, assumiu a responsabilidade do curso de enfermeiras visitadoras, com o curso de emergência e o aumentando para 6 meses. Além disso, houve a criação do Serviço de Enfermeiras, no mesmo nível hierárquico das Inspetorias, permanecendo abaixo apenas do diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, Carlos Chagas.

Neste momento do curso de emergência de 6 meses, em 1922, Ethel já vislumbrava que as melhores alunas poderiam ser reaproveitadas para a futura Escola de Enfermagem, que estava sendo organizada, com inauguração prevista para 1923.

Entre 1922 e 1923, Parsons realiza a proposta de melhoria do curso de emergência para enfermeiras visitadoras, com aumento do tempo de 6 para 10 meses. Aqui ela já afirmava que as alunas do curso iriam assistir aulas em conjunto com as futuras enfermeiras de saúde pública nos primeiros meses e após término do curso, conforme as enfermeiras visitadoras fossem substituídas pelas enfermeiras formadas, poderiam continuar o curso, recebendo o crédito de 10 meses, e após mais 14 meses de estudo, se formarem como enfermeira de saúde pública.

Vale lembrar que nesse momento, nos Estados Unidos, aconteciam as discussões que resultaram na publicação, em 1923, do Relatório Goldmark, que refletiam as proposições das lideranças da enfermagem. Nos anos que se seguiram, observa-se a influência do Relatório Goldmark na educação de enfermagem brasileira, na Escola de Enfermagem do Departamento.

Ethel Parsons, então, necessitava selecionar as suas futuras alunas ao curso de enfermeiras visitadoras. No primeiro momento, no curso de 1922, todas as moças que já estavam trabalhando no Departamento Nacional de Saúde Pública foram admitidas, e durante o curso avaliadas, com o objetivo de concluir ou não o curso.

Nas turmas que se seguiram, Parsons selecionava as candidatas para a admissão, com critérios subliminares, visando diversas qualidades nessas moças. Ela desejava mulheres nobres, sem deformidades físicas e com moral publicamente comprovadas.

No momento da seleção, Parsons escrevia à margem dos questionários de admissão características que, na visão dela, sobressaíam sobre essas moças, ou apenas citava que não as queria no seu curso. Durante toda a análise, observou-se os mesmos critérios utilizados para a seleção de enfermeiras para a Escola de Enfermagem do Departamento.

Com a análise dessas escritas de margem, observou-se elitismo e preconceitos em relação aos critérios na seleção, com discriminação inclusive de cor de pele, o que Ethel Parsons posteriormente resolveu, aceitando uma aluna negra que se enquadrasse em seus padrões.

Importante ressaltar que os critérios utilizados por Ethel Parsons vão de encontro a pensamentos eugenistas, não permitindo a entrada de moças por juízo de valores, como por exemplo a cor da pele da candidata o que vai de acordo com os aspectos da sociedade da época, como o branqueamento da população brasileira.

Eugenicamente, acreditava-se que o intelecto do indivíduo não se dava por questões educacionais ou sociais, mas eram herdadas de geração em geração, indo de encontro com o que Parsons demonstrou acreditar. No Brasil, as questões de eugenia relacionavam-se a questões sanitárias, em alguns momentos confundindo-se higiene e eugenia.

Por isso, consegue-se ver também que Parsons, nos anos de 1922 e 1923, participou de todo o momento da seleção das candidatas ao curso, além de todo o processo de formação dos cursos de emergência para enfermeiras visitadoras e da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Os próprios sanitaristas, após a turma de 1922 ter iniciado sua atuação, admitiram que o trabalho de uma profissional mais instruída estava se desenvolvendo melhor e com mais

resultados. Lembrando que as enfermeiras visitadoras não possuíam autonomia, ficando sempre sob a supervisão de uma enfermeira norte-americana.

Com isso, conclui-se que um dos objetivos da Missão Parsons era o de profissionalizar o campo da enfermagem de saúde pública e implantar um modelo de ensino que formasse uma profissional completa, apta para atuar nas várias frentes de assistência em saúde que se abriam no Brasil. Encontrou no seu caminho as enfermeiras visitadoras que poderiam a atrapalhar, o que driblou de maneira estratégica, ao se utilizar destas alunas para posteriormente se formarem como enfermeiras de saúde pública, porém com critérios controversos utilizados na seleção dessas moças.

Não houve como contemplar neste estudo quais alunas e quantas, após o curso de enfermeiras visitadoras, se formaram como enfermeiras de saúde pública, porém há o exemplo de Maria de Castro Pamphiro, que iniciou seus estudos como enfermeira visitadora no curso de emergência de 10 meses, iniciado em 19 de fevereiro de 1923, e concluiu como enfermeiras de saúde pública em 1925, na turma das pioneiras, posteriormente se tornando a primeira diretora enfermeira da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, nos anos de 1943 a 1956.

Então, a constituição da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, sob a supervisão de Ethel Parsons, se tornou a representação do estudo de excelência de enfermagem no Brasil, na primeira metade do século XX, sendo na era Vargas, uma escola de equivalência para equiparação das demais Escolas de Enfermagem do Brasil.

Já na segunda metade do século XX, sob o nome de Escola de Enfermagem Anna Nery, se tornou a referência de pós-graduação em enfermagem, iniciando o primeiro curso de mestrado acadêmico do país, em 1972 e um dos primeiros cursos de doutorado, em 1989.

Conclui-se que a estratégia Parsons, no início da década de 1920, apesar de seus critérios elitistas, preconceituosos e eugenistas, visava a formação de mulheres, no conceito da época, virtuosas, e se tornou a base de um ensino de excelência de enfermagem no Brasil. Em 1925 já iniciou a implementação das ideias do Relatório Goldmark, atingindo o sucesso da profissionalização da enfermagem no Brasil.

REFERÊNCIAS

AMORIM, W. M. **A Reconfiguração da Primeira Escola de Enfermagem Brasileira: A Missão de Maria de Castro Pamphiro, 1937-1940**. 2004. 216f. Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery. UFRJ. (Tese de Doutorado). 2004.

ARÓSTEGUI, J. **A Pesquisa Histórica**: Teoria e Método. Bauru (SP): Edusc, 2006;

AYRES, L. F. A. **As enfermeiras visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no início do século XX**. 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

AYRES, L. F. A.; AMORIM, W. M.; PIVA, T. C.; PORTO, F. R. As estratégias de luta simbólica para a formação da enfermeira visitadora no início do século XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Impresso), v. 19, p. 861-882, 2012.

AYRES, L. F. A.; AMORIM, W. M.; ALVES, A. D.; LUCHESI, L. B. O campo da saúde pública: a criação do curso de enfermeiras visitadoras (1920). **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 6, p. 642-651, 2012.

AYRES, L. F. A.; AMORIM, W. M. ; PORTO, F. ; LUCHESI, L. B. . As enfermeiras visitadoras da cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no inicio do século XX. In: PORTO, Fernando; AMORIM, Wellington. (Orgs.). **História da Enfermagem, v. 1**. 2. ed. São Caetano do Sul: YENDIS, 2013. p. 217-277.

BARREIRA, I. A. A prática da enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública dos anos 20. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis/SC, v. 7, n.1, p. 42-57, 1998.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**: Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMPOS, C. E. A. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000300011>.

CARVALHO, A. C. C. **Associação Brasileira de Enfermagem (1926-1976)**: Documentário. Brasília – DF, 1976.

CARVALHO, F. A. L. O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier, **Revista Diálogos**, v.9, n. 1, p.143-165, 2005.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre Práticas e Representações. Col. Memória e Sociedade**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. A História entre narrativa e conhecimento. In: **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. Ed: Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos avançados**. Campinas. Unicamp. p. 173-1991. 1991.

CHARTIER, R. A leitura como prática cultural. **Revista observatório Itaú cultural**, n.º 17 São Paulo, (ago./dez.), 2014.

_____. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 322p..

COELHO, C. P. **A Escola de Enfermagem Anna Nery, Sua História - Nossas Memórias**. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1997.

BRASIL. Decreto Nº 3.987, de 02 de janeiro de 1920. Dispõe sobre a reorganização dos serviços da saúde pública. Atos do Poder Legislativo. Rio de Janeiro, DF, 02 de jan. 1920. p.1-6.

BRASIL, Decreto Nº 14354, de 15 de setembro de 1920. Dispõe sobre o regulamento para o Departamento Nacional de Saúde Pública, em substituição do que acompanhou o decreto n. 14.189 de 26 de maio de 1920. Atos do Poder Executivo. Rio de Janeiro, DF, 15 de set. 1920. p.244–485.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARIA, L. R. Os primeiros anos da reforma sanitária no Brasil e a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920). **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.109-127, 1995.

FIGUEIREDO, Julieta. B. Em nome da ciência: A Revista do Brasil e as Representações Eugênicas/Higiênicas no período Lobatiano (1918-1925). 2019. Tese (Doutorado em Enfermagem) Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2019.

FREIRE, M. A. M.; MORAIS, F. T.; AMORIM, W. M.; SILVA JUNIOR, O. C. As diretrizes do Relatório Goldmark para a organização de um grupo subsidiário de enfermagem (1919 - 1923). **Cultura de los Cuidados**, v. 2, p. 40-49, 2007.

FONTENELLE J. P. **A Enfermagem de Saúde Pública**: Sua Creação e Desenvolvimento no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Canton & Reile Graf, 1941. p.423.

GUARATO. R. Por uma compreensão do conceito de representação. **Rev. História e História**. Unicamp, p. 1-12, jun. 2010.

JOORIS, T. J.; PELLON, Luiz Henrique Chad; AMORIM, W. M. As exercentes da enfermagem cearense no governo Vargas (1930-1945). **Temperamentum** (Granada), v. 23, p. 1-6, 2016.

LANGER, J. **A Nova História Cultural**: Origens, Conceitos e Críticas. Revista História e História. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>.

LAURIANO, A. G.; BARREIRA, I. A. Reconfiguração do serviço de enfermagem de saúde pública na cidade do Rio de Janeiro na virada da década de 20 para a de 30. Escola Anna Nery. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 39-51, 2002. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000400025>.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

MARQUES, E. Saúde pública e construção do Estado na Primeira República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v. 14 n. 39, São Paulo fev. 1999. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000100012>.

MASCARENHAS, N. B.; MELO, C. M. M.; SILVA, L. A. Gênese do trabalho profissional da Enfermeira no Brasil (1920-1925). **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, abr./jun. de 2016. Disponível em: <http://revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=1384.3>.

MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista "O Brazil-Médico", 1890-1922. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 36, n. 4, p. 402-407, Dec. 2002 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342002000400015&lng=en&nrm=iso > . Access on: 29 Aug. 2018.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 621-645, Feb. 1999. Available from:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100005&lng=en&nrm=iso>. Access on: 29 Aug. 2018.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v.2, n. 3 p. 23-56 set./dez. 2011. Available from: < https://pt.scribd.com/document_/13465_01_01/Roger-Chartier-e-a-Literatura-Metodologia >. Acess on: 03 Mar. 2019.

PAVA, Andrea Macêdo; NEVES, Eduardo Borba. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. **Rev. bras. enferm**., Brasília, v. 64, n. 1, p. 145-151, Feb. 2011. Available from:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000100021&lng=en&nrm=iso>. Access on: 29 Aug. 2018.

PORTO, F. R.; AMORIM, W. M. (Orgs.). **História da Enfermagem**: Identidade, profissionalização e símbolos, v. 1. 2. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2013

PORTO, F. R.; AMORIM, W. M. (Orgs). **História da enfermagem brasileira**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2008.

SALMON, P. **História e crítica**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SANTOS, L. A. C. O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p.193-210, 1985.

SANTOS, Nereida Lúcia Palko dos; SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda de Alencar. Estilo de vida e saúde: o cotidiano das alunas da Escola de Enfermagem Anna Nery na década de 20. **Rev. bras. enferm**., Brasília , v. 51, n. 1, p. 165-176, mar. 1998 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671998000100013&lng=en&nrm=iso>. Access on: 29 Oct. 2018.

SANTOS, T. B.; MOREIRA, A.; PORTO F. R. **Os enfermeiros(as) da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados (1906)**: atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 115 anos de pioneirismo no Brasil. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (Graduação) Rio de Janeiro, 2004.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I. A. **As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil**: 1921-1931. Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery/Editora da UFRJ, 1999.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, C. F. (Orgs.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.

WHITE, H. Interpretação da história: O texto como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**. Trad. Alipio Correia de França Neto. São Paulo. EdUSP,1994.

ACERVOS PESQUISADOS

Casa de Oswaldo Cruz na FioCruz.

Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.

Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem - LACENF.

FONTES UTILIZADAS

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 01, Ano 1922. Missão Parsons.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 02, Ano 1923. Missão Parsons.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 03, Ano 1923. Missão Parsons.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 04, Ano 1924. Missão Parsons.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 07, Ano 1925-1927. Graduação em Enfermagem.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 100, Ano 1922. HESFA – Visitadoras de Saúde Pública.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 100.1, Ano 1923. HESFA – Visitadoras de Saúde Pública.

Centro de Documentação Anna Nery, Caixa 100.2, Ano 1923/1925. HESFA – Visitadoras de Saúde Pública.

FONTENELLE J. P. A Enfermagem de Saúde Pública: Sua Creação e Desenvolvimento no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Canton & Reile Graf, 1941. p.423.

Narrative Report of the Service Nursing and Nursing Education of the National Department of Public Health September 1st, 1921 to April 1st, 1922.

Narrative Report of the Service Nursing and Nursing Education of the National Department of Public Health April 1st, 1922 to July 1st, 1922.

Narrative Report of the Service Nursing and Nursing Education of the National Department of Public Health July 1st, 1922 to September 30trd, 1922.

Narrative Report of the Service Nursing and Nursing Education of the National Department of Public Health January 1st, 1923 to March 1st, 1923.

PARSONS, E. Archivos de hygiene: exposições e relatórios: A Enfermagem Moderna no Brasil. Esc. Anna Nery Ver Enferm, 1997 jul; 1(no esp de lanç) 9-24.

APÊNDICE 1

Matriz de Análise dos Questionários

Nome	Idade	Frequentou Escola	Ocupação Anterior	Relato de Defeito Físico	Prática de Nurse	Escrita de Margem	Mês e Ano

APÊNDICE 2

Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em inglês, ano de 1922.

Nome	Escrita de Margem
Antonietta Carneiro Monteiro	young
Antonietta Quintella	Abondened course after one month - cause poor health.
Arlinda Pinto Guedes	Did not complete course because of poor health.
Clotilde de Almeida Brandão	Excelent student, abandoned course to be married.
Enapina de Carvalho	Fairly good type. Husband in last stage of tuberculosis. A sister in law care for Family.
Esther Salgado Monteiro	Very insubordinate student. Refused to do practical cook, has not accepted into?
Etelvina Freitas	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Eugenia Vianna Moraes	Fairly good type. Husky voice.
Evangelina Duarte Fontenelle	Did not enter course.
Hercília Fonseca da Cunha	Very intelligent and calm girl. Did not receive letter on time.
Júlia Moura Rego Barros	Letter of examination sent.
Lavínia Froehlich	Not good type. Talks too much.
Leocádia do Valle	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Alvarenga Mano	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Antonietta M. Ramos	Failed in exam. Did not receive certificate.
Maria Augusta Bicalho	Very poor candidate, did not complete course.
Maria César de Oliveira	Did not enter course.
Maria de Lourdes Porto Newlands Velho	Did not like to study.
Maria Isabel Santos	Good appearence. Afraid of study.
Maria Pérpetua de Oliveira Pedrosa	Good type. Recomended by dr. Figueiredo.
Maria Rhodes Costa	Dispensada do Serviço de Enfermeiras. Very poor type.
Marianna Pereira Nunes	Very poor type. Unnatractive personality.
Umbelina Luz	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.

APÊNDICE 3

Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em português, ano de 1922.

Nome	Escrita de Margem
Antonietta Carneiro Monteiro	Jovem.
Antonietta Quintella	Abandonou curso após um mês. Jovem.
Arlinda Pinto Guedes	Não completou o curso devido a pouca saúde.
Clotilde de Almeida Brandão	Excelente estudante, abandonou o curso para casar.
Enapina de Carvalho	Tipo razoável, marido no último estágio de tuberculose. A cunhada está cuidando da família.
Esther Salgado Monteiro	Estudante insubordinada. Recusou-se a prática de cozinha.
Etelvina Freitas	Exonerada do Serviço de Enfermeiras
Eugenia Vianna Moraes	Tipo razoável. Voz rouca.
Evangelina Duarte Fontenelle	Não entrou no curso.
Hercília Fonseca da Cunha	Muito inteligente e calma. Não recebeu a carta a tempo.
Júlia Moura Rego Barros	Carta da prova enviada.
Lavínia Froehlich	Não é um bom tipo, fala muito.
Leocádia do Valle	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Alvarenga Mano	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.
Maria Antonietta M. Ramos	Reprovou na prova. Não recebeu o certificado.
Maria Augusta Bicalho	Candidata muito pobre. Não completou o curso.
Maria César de Oliveira	Não entrou no curso.
Maria de Lourdes Porto Newlands Velho	Não gosta de estudar.
Maria Isabel Santos	Boa aparência, medo de estudar.
Maria Pérpetua de Oliveira Pedrosa	Bom tipo, recomendada pelo dr. Figueiredo.
Maria Rhodes Costa	Dispensada do Serviço de Enfermeiras. Tipo muito pobre
Marianna Pereira Nunes	Tipo muito pobre, personalidade não atrativa.
Umbelina Luz	Exonerada do Serviço de Enfermeiras.

APÊNDICE 4

Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em inglês, ano de 1923.

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Abigail Costa	Not	Não
Adalgisa Ramos de Medeiro	Excelent impression of candidate. Bright inteligent. Probably will finish course	Sim
Adellina Soriano de Souza	Relative of Marcia Gurjão. Poor type. Looks much older than 32	Não
Aida Ressiguer Couto	Not good type. Recomended by dr. Plácido	Não
Alayde Ramos de Paiva	Very dark	Não
Amelia Smith de Vasconcellos	Fairly good appearence. Very dark	Sim
Anna Borges Simões	Good type	Não
Antonia Aguiar	Lost her husband. Love her childrens. Not to be called again.	Não
Beatriz Ferreira Lopes	Accepted	Sim
Cecy Guimarães	Not to be called again	Não
Corina Teixeira de Souza	She has political influencer	Não
Eliza Fernandes Roxo de Lima	50 years old. Look 35. Nice appearence. Spent years in Europe	Não
Emilia Magalhães	Bright looking girl. Probably will do well.	Sim
Esther P Carneiro dos Santos	Daughter of Maria Esther da Silva. Intelligent, would probably do well. Well known by dr. Chagas e dr. Plácido	Não há relatos que entrou no curso
Esther da Cunha Machado	Cousin of a student/Foi recusada por falta de preparação básica. B. Pullen (13/8/1929)	Sim
Eulalia Ceres Borges	Excelent type	Sim
Fraildes Pires Batista	Excelent 17 years old	Não
Francelina Monteiro dos Santos	Not to be called again	Não
Gabriella Barretto	Perhaps might go well in VD	Sim
Generosa Batalha de Medeiros	Not good servent type	Não

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Guilhermina Suzano	Accepted by special reference of Dr. Figueiredo	Não foi encontrado relatos da entrada no curso
Giomar Costa	Not to be called	Não
Hebe Cardoso de Oliveira	Not to be called	Não
Helina Ferreira de Souza	Not to be called again	Não
Henedina Souza Ferreira	Very poor type. Do not recomended as student	Não
Henriqueta Torres da Fonseca	Not a good type	Não
Ida de Oliveira Ramos	Good type. Graduatede pharmacid	Não há relatos que entrou no curso
Isabel de Vasconcellos	Not fairly good impression.	Não
Izaura Pereira Brasil	Not to be called again	Não
Jandyra Raposo	Too young, wait for next class	Não
Josephina Costa	Very poor type. I told her she was not elegible to take course	Não
Josephine Ignacio valentim	Young, for next class	Sim
Jovita de Souza	Well looking. Recomended by Maria E. Silva	Sim
Leonor Bigueira do Amaral	Poor type	Não
Licina Ribeiro Oliveira	Not a good type	Não
Lucia da Silva Donizetti	Poor type	Não
Luiza Cabral	Poor type, looks stupid	Não passou no exame de entrada
Magdalena Areas	Failed at exam	Não
Magdalena Jover Goulart Fraga	Good type, believe she would do explendid work	Sim
Magdalena Sogdo Possolo	Fairly good type. Recomended by Dr. Figueiredo	Não
Maria da Conceição Prolou Carvalho	Fairly good type, believe she will do well.	Sim
Maria da Glória Freitas	Recomended by Dr. Motta	Sim
Maria de Lourdes R Brandão	Well recomended by Maria Gurjão. Nice appearence	Sim
Maria J de Faria Velozo	Good type	Sim

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Maria Julia de Mattos	Good appliction. Failed in finish examination, is working in hopsital as attendent	Sim
Maria Luiz Gonçalves	Letter of examination sent	Sim
Nadya Barreto	Fairly good type	Sim
Nair de Mendonça Maltez	Fairly good type. Probably will do well	Sim
Noemia Mano Ayres	Good appearence. Daughter of Maria Mano	Sim
Orlandina Francisco Braga	Black	Não
Philomena Mazza	Look up poor	Não
Philomena Nogueira Marinho	Interested. Bright intelligent looking. Recomended by Maria Silva	Sim
Porcia Valente do Couto	Cannot take exam tomorrow	Não
Regina de Vasconcellos	Born in England. Married a brazilian	Não
Rita Alves Soares	Fairly good type	Sim
Rita Salgado	Daughter of Lydia Salgado. Too young	Não
Rosalina de Faria	Bright, looking good, nice maners, good impression	Sim

APÊNDICE 5

Quadro matricial das alunas com escrita de margem e resultado para entrar no curso em português, ano de 1923.

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Abigail Costa	Not	Não
Adalgisa Ramos de Medeiro	Excelente impressão da candidata. Muito inteligente, provavelmente terminará o curso.	Sim
Adellina Soriano de Souza	Parente de Márcia Gurjão. Tipo pobre. Aparente ser muito mais velha que 32 anos.	Não
Aida Ressiguer Couto	Não é um bom tipo. Recomendada pelo dr. Plácico	Não
Alayde Ramos de Paiva	Muito preta.	Não
Amelia Smith de Vasconcellos	Aparência razoável. Muito preta.	Sim
Anna Borges Simões	Bom tipo.	Não
Antonia Aguiar	Perdeu o marido, ama seus filhos, não será chamada novamente.	Não
Beatriz Ferreira Lopes	Aceitável.	Sim
Cecy Guimarães	Não será chamada novamente.	Não
Corina Teixeira de Souza	Tem influência política	Não
Eliza Fernandes Roxo de Lima	50 anos, aparenta 35. Boa aparência, passou anos na Europa.	Não
Emilia Magalhães	Menina brilhante, provavelmente irá bem.	Sim
Esther P Carneiro dos Santos	Filha de Maria Esther da Silva. Inteligente, provavelmente irá bem. Conhecida por dr. Plácido e dr. Chagas.	Não há relatos que entrou no curso
Esther da Cunha Machado	Prima de estudante/Foi recusada por falta de preparação básica. B. Pullen (13/8/1929).	Sim
Eulalia Ceres Borges	Excelente tipo.	Sim
Fraildes Pires Batista	Excelente, 17 anos.	Não

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Francelina Monteiro dos Santos	Não será chamada novamente	Não
Gabriella Barretto	Talvez vá bem como VD.	Sim
Generosa Batalha de Medeiros	Não é um bom tipo servil.	Não
Guilhermina Suzano	Aceita por especial referência do dr. Figueiredo.	Não foi encontrado relatos da entrada no curso
Giomar Costa	Não será chamada.	Não
Hebe Cardoso de Oliveira	Não será chamada.	Não
Helina Ferreira de Souza	Não será chamada novamente.	Não
Henedina Souza Ferreira	Tipo muito pobre. Não recomendada como estudante.	Não
Henriqueta Torres da Fonseca	Não é um bom tipo.	Não
Ida de Oliveira Ramos	Bom tipo. Graduada em farmácia.	Não há relatos que entrou no curso
Isabel de Vasconcellos	Impressão não muito boa.	Não
Izaura Pereira Brasil	Não será chamada novamente	Não
Jandyra Raposo	Muito nova, aguardar próxima turma.	Não
Josephina Costa	Tipo muito pobre. Disse a ela que não é elegível para este curso.	Não
Josephine Ignacio valentim	Jovem, para próxima turma.	Sim
Jovita de Souza	Boa aparência. Recomendada por Maria E. Silva	Sim
Leonor Bigueira do Amaral	Tipo pobre.	Não
Licina Ribeiro Oliveira	Não é um bom tipo.	Não
Lucia da Silva Donizetti	Tipo pobre.	Não
Luiza Cabral	Tipo pobre, parece estúpida.	Não passou no exame de entrada
Magdalena Areas	Reprovou na prova.	Não
Magdalena Jover Goulart Fraga	Bom tipo, acredito que fará um bom trabalho.	Sim
Magdalena Sogdo Possolo	Tipo razoável. Recomendada pelo dr. Figueiredo	Não
Maria da Conceição Prolou Carvalho	Tipo razoável. Acredito que se sairá bem.	Sim

Nome	Escrita de Margem	Entrou para o curso
Maria da Glória Freitas	Recomendado pelo Dr. Motta	Sim
Maria de Lourdes R Brandão	Bem recomendada pela Maria Gurjão. Boa aparência.	Sim
Maria J de Faria Velozo	Bom tipo.	Sim
Maria Julia de Mattos	Boa prova. Reprovou no exame final. Está trabalhando no hospital como atendente.	Sim
Maria Luiz Gonçalves	Carta do exame enviada.	Sim
Nadya Barreto	Tipo razoável.	Sim
Nair de Mendonça Maltez	Tipo razoável, provavelmente irá bem.	Sim
Noemia Mano Ayres	Boa aparência. Filha de Maria Mano.	Sim
Orlandina Francisco Braga	Preta.	Não
Philomena Mazza	Parece pobre.	Não
Philomena Nogueira Marinho	Interessante, aparência brilhante. Recomendada por Maria Silva.	Sim
Porcia Valente do Couto	Não poderá fazer a prova amanhã.	Não
Regina de Vasconcellos	Nasceu na Inglaterra. Casou-se com um brasileiro.	Não
Rita Alves Soares	Tipo razoável.	Sim
Rita Salgado	Filha da Lydia Salgado. Muito nova.	Não
Rosalina de Faria	Brilhante, boa aparência, boas maneiras, boa impressão.	Sim